



# Capa e Batina



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

## Editorial

### A NOSSA SEDE

Vai em quatro anos o "uso e fruição" pelos Sócios (muitos) e Amigos (bastantes) do espaço amplo e acolhedor da nossa Sede.

À altura, escrevemos neste editorial: "lográmos, no meio do ano que finda (1999) atingir a concretização do Grande Sonho de uma Sede própria e condigna, dispondo já, como património da Associação (e o empréstimo bancário contraído em nada diminui este bem, antes redobra a vontade de o tornar pleno...), de um andar com óptima acessibilidade, alegre e espaçoso".

Hoje - com aquela vaidade consentida pela ausência de proveito próprio e comprovada verificação de vantagens para a vida associativa dos presentes e dos futuros, sejam eles quem forem - proclamamos em uníssono: a **SEDE** já nos pertence em propriedade plena!

Nas suas instalações têm-se realizado conferências, tertúlias, palestras, encontros de "viajantes", aulas de ginástica, ensaios corais, sessões de bridge, etc, etc.

Isto sem falar no terraço, que há-de convidar-nos a agradáveis actividades ao ar livre, assim consigamos a beneficiação e aproveitamento que estão na mira...

Não é obra de um só ou de uns tantos, colegialmente, mas de todos, pois todos deram o melhor de si: em presença e colaboração, em donativos pecuniários, em ofertas de bens e obras literárias e artísticas.

É justo registar neste passo o reconhecimento da Direcção a todos os beneméritos; e como este boletim vem, sistematicamente, dando notícias das ofertas em espécie e respectivos ofertantes, segue-se agora a lista dos "mecenias" em numerário, sem qualquer distinção por valores, mas igualados na intenção e irmanados no mesmo espírito solidário.

Dentre uns e outros, permitam-nos um particular realce: a dádiva sublime (pela sua grandeza de alma) de um quadro representando Coimbra, feito em pastel pelo nosso colaborador de há 5 anos, Alexandre Salgado Dias, e oferecido com as palavras que também se seguem e não têm réplica à altura que merecem.

Nada o moveu para além da Amizade que nos devota e é recíproca; deu o que podia, num gesto de inigualável lição de vida para todos, sem excepção. Sigamo-la.

**BEM-HAJAM QUANTOS CONTRIBUÍRAM PARA QUE A SEDE SEJA PATRIMÓNIO DA ASSOCIAÇÃO!**

**VENHAM SENTI-LA TOTALMENTE VOSSA E CONSERVÁ-LA NA SUA PLENITUDE!**

*A Direcção*

## LISTA DOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A REALIZAÇÃO DO SONHO

Abel Rodrigues Gaspar Silva  
 Abílio Jesus Miranda  
 Abílio Joaquim Patinho  
 Alberto Costa Rato  
 Alberto Maia Ferreira Costa  
 Alberto Manuel Sampaio Nóvoa  
 Alcindo Augusto Costa  
 Alfredo Costa Perdigão  
 Alfredo Gouveia P Jesus  
 Alípio Rosário Silva Gomes  
 Allen Gualter Matos Correia  
 Amélia J Mendes Neto  
 Ângelo Vieira Araújo  
 António Almeida Santos  
 António C Alves de Matos  
 António Capela Ferreira Gordo  
 António Carecho Grilo  
 António Graça  
 António J Moura Velez  
 António Joaquim Fernandes  
 António Jorge Teixeira  
 António Luís Rebocho A Machado  
 António Ribeiro  
 António Simão Toscano  
 Armando Elísio Morais Rocha  
 Armando Luís Marques Moreira  
 Arménio Cardo  
 Arménio Hall  
 Arminda Gonçalves Vieira  
 Armindo José Girão Cardoso  
 Armindo Pinto  
 Artur Duarte Mota  
 Ataliba Gouveia Carvalho  
 Augusto Azeredo Costa Santos  
 Augusto Camacho Vieira  
 Augusto Correia Simões  
 Aurélio Homem Ribeiro  
 Baltasar Morais Barroco  
 Braz dos Santos  
 Cândida Reinas Santos Martins  
 Carlos Alberto Ferreira Rocha  
 Carlos Alberto Vaz Serra Lima  
 Carlos Manuel Varela Pinto  
 Casimiro Dias Morgado  
 César G Freire Andrade  
 Daniel Lúcio Silva Pereira  
 Daniel Proença de Carvalho  
 Danilo Augusto Alves Martins  
 Deodete Florindo Conceição  
 Dulce F Almeida Toscano  
 Dulce M<sup>a</sup> R Quintela

Edgard C B Pires Marques  
 Edmundo J. Senna Fernandes  
 Eduardo Correia Azevedo  
 Eduíno Moniz Jesus  
 Egas do Valle Santos  
 Elísio Mendes M Montargil  
 Elvira Moreira Brandão Oliveira  
 Emídio Albuquerque Vasco  
 Ernesto Maria Rui Dionísio  
 Esmeralda Ferreira Ribeiro  
 Fantina Jesus Costa  
 Fausto Eurico Simão Taborda  
 Fernanda Lourdes Braz Santos  
 Fernando M Alves  
 Fernando Miranda Gomes  
 Fernando Murta Rebelo  
 Francisco Chichorro Rodrigues  
 Francisco M V Vasconcelos  
 Francisco Rodrigues Antunes  
 Francisco Rosa Costa Raposo  
 Germano Nunes Gouveia  
 Gil Melo Pessanha Alcoforado  
 Graciete Valadas Cartaxo  
 Gualter José Marques  
 Guilherme Gameiro das Neves  
 Gustavo Elmano Cerdeira  
 Gustavo Neto de Miranda  
 Hugo Herculano M S Taborda  
 Isalita Céu P Correia Ferreira  
 Isaura Almeida Martinho  
 João António B Pina Jesus  
 João António Menano  
 João António Ramalho Mira  
 João Ávila de Matos  
 João Costa Neves  
 João Deus Mendes Quintela  
 João José Cruz Bucho  
 João Martinho Reis Madeira  
 João Rolando Queiroga Chaves  
 Joaquim Victor-Hugo C Neves  
 Jorge M Jardim Gonçalves  
 Jorge Soares Albergaria  
 José Afonso Brardo  
 José António Anjos Carvalho  
 José Coelho Tomás  
 José de Lima Lobo  
 José Fernando Graça Cruz  
 José Francisco Souto  
 José Gabriel CM Soares Graça  
 José Gomes Ferreira  
 José Humberto Isaac Barata

José Luís Cordeiro Perú  
 José Magalhães  
 José Manuel Matos Costa  
 José Manuel Mouro Ferreira  
 José Maria Pignatelli Q Lemos  
 José Pinheiro Paixão  
 José Silva Medeiros Marques  
 José Veiga Simão  
 Judite C Guerreiro Quintela  
 Luís E Alves Figueiredo  
 Luís Filipe M Falcão  
 M<sup>a</sup> Abélia Mendes Marques  
 M<sup>a</sup> Antónia Dionísio  
 M<sup>a</sup> Antonieta Lima Araújo  
 M<sup>a</sup> Carlinda F Rodrigues  
 M<sup>a</sup> Carmen Sousa Maia  
 M<sup>a</sup> Carmo Monteiro Videira  
 M<sup>a</sup> Celeste M Andrade  
 M<sup>a</sup> Céu Dias Santos  
 M<sup>a</sup> Claudina M M Castel-Branco  
 M<sup>a</sup> Conceição G P D Barros  
 M<sup>a</sup> Conceição S F B Correia  
 M<sup>a</sup> Conceição Vilela Tuna  
 M<sup>a</sup> Dulce Almeida Miranda  
 M<sup>a</sup> Eduarda Adrelina O A Robalo  
 M<sup>a</sup> Eugénia Júdice Ramos  
 M<sup>a</sup> Fátima Lencastre  
 M<sup>a</sup> Fernanda C A Ribeiro  
 M<sup>a</sup> Fernanda Godinho Esteves  
 M<sup>a</sup> Fernanda M Ricardo  
 M<sup>a</sup> Fernanda R C Pereira Rodo  
 M<sup>a</sup> Fernanda T Rovira Brito  
 M<sup>a</sup> Georgete Santos Goucha  
 M<sup>a</sup> Guerra Silva Prazeres  
 M<sup>a</sup> Helena Paz S Pinto Cunha  
 M<sup>a</sup> Henriqueta Tato Marinho  
 M<sup>a</sup> Isabel Pereira Verdasca  
 M<sup>a</sup> Isabel Teixeira Prazeres  
 M<sup>a</sup> Isabel V M Alexandre  
 M<sup>a</sup> José Cunha G Matos  
 M<sup>a</sup> Lourdes O Monteiro  
 M<sup>a</sup> Lourdes O Silva  
 M<sup>a</sup> Luísa Pina Jesus  
 M<sup>a</sup> Luísa R Falcão Ferreira  
 M<sup>a</sup> Luísa Sousa Machado  
 M<sup>a</sup> Lurdes P D Castelo Branco  
 M<sup>a</sup> Manuel C. Magro Romão  
 M<sup>a</sup> Manuela Alves da Costa  
 M<sup>a</sup> Manuela M Nogueira  
 M<sup>a</sup> Manuela Martins Coutinho  
 M<sup>a</sup> Regina M Moreira  
 M<sup>a</sup> Rosário T Dias Cravo  
 M<sup>a</sup> Sacramento C. Grilo S Dias  
 M<sup>a</sup> Sílvia Antunes Rosas  
 M<sup>a</sup> Teresa Granado Amaral

M<sup>a</sup> Teresa Netto Costa  
 M<sup>a</sup> Teresa Sampaio Rio  
 Magdalena Lazar Serbanesco  
 Manuel Afonso Lopes  
 Manuel Brito Guerreiro Jr.  
 Manuel da Costa Braz  
 Manuel Fernando C Cardoso  
 Manuel Ferreira Correia  
 Manuel Francisco Nobre Menezes  
 Manuel Jesus Menezes Falcão  
 Manuel Joaquim Osório  
 Manuel M Chorão Vinhas  
 Manuel Pereira V Coroadinha  
 Manuel Rodrigues Lopes  
 Manuel Serafim M Caeiro  
 Manuel Sousa Loureiro  
 Mário Bento Martins Soares  
 Mário Castelo Branco Gonçalves  
 Mário Eusébio Santos  
 Mário João C O Pereira  
 Mário Júlio B de Almeida Costa  
 Mário Lopes Moitão  
 Mário Silva Moura  
 Nuno Tavares  
 Olímpia Cerveira Duarte Silva  
 Piedade da C A Rodrigues  
 Ramiro Alves de Seabra  
 Ramiro Ferreira das Neves  
 Raúl Sousa Machado  
 Reinaldo Homero M Andrade  
 Renato Teixeira Morais  
 Ricardo António da Velha  
 Roberto Ferreira Valente  
 Rosinda C G Cruz Mota  
 Vicente Manuel M A d'Eça  
 Victor Augusto de Souza  
 Victor Manuel C Carvalho  
 Vítor Herbert Sequeira  
 Vítor Manuel P F Mesquita

... e ainda os donativos de:

**Banco Português de Investimento**, BPI, através do seu Presidente do Conselho de Administração: Dr. Artur Santos Silva; **Fundação Calouste Gulbenkian** através do seu Presidente: Prof. Doutor Ferrer Correia; **Instituto de Cooperação Portuguesa**, através do seu Presidente: Dr. Eugénio Anacoreta Correia; e **Comissão de Recolha de Fundos** - constituída pelos Sócios: Maria Manuela Alves da Costa, Francisco Costa Raposo e Augusto Camacho Vieira.

*A Direcção*

## A DÁDIVA DO ANTON (Alexandre)

### ... MAS, NADA É POR ACASO!

Para mim é "difícil" estar aqui, de frente para o ouvir e o olhar, como peça no foco das atenções. (Mas estou em casa...).

É que sempre vi dos bastidores "o teatro e seus actores" e é nesse bastidor - local de ardores e temores - que me sinto à vontade, observando em vez de observado (apesar do preço elevado que isso representa).

Mas, ... confesso que fui intimado a estar aqui, contudo sei que por estima... e, aqui estou!

**NADA É POR ACASO.**

Mas, esqueçamos isso... até porque não é de hoje que aqui estou, (e segundo a memória do nosso "Sr." Campos) já aqui estou vai para 5 anos... até parece que foi ontem!

São 5 anos em que participei na vida desta Associação e que partilhei das vivências da Direcção e de todos Vós, ilustres representantes dos Associados desta garbo Associação, que a todos estimo e por todos estimado me sinto.

**NADA É POR ACASO.**

A Festa do XI Aniversário da Associação era para ter sido o pretexto para a entrega "simbólica" desta "troca" (troca porque Amizade não se paga nem se cobra - DÁ-SE e recebe-se - por isso foi com o "Amor" da concepção/criação que foi feito).

Mas, acontece, que não encontrei o IPJ, apesar de ter andado às voltas, não sabendo, a dada altura, onde estava, resultado: não foi no aniversário mas...

E porque... **NADA É POR ACASO...**

É hoje, quando entrados no Equinócio da Primavera, e se prepara a Páscoa, que vos ofereço a Todos, o "Ovo da Páscoa", posto pela serpente regeneradora.

Espero que no seu interior esteja o seu "valor" e que, cada vez mais, se vá cotizando nesta "Bolsa de Valores" (com "vê" maiúsculo), bolsa esta, hoje em dia, tão deserdada em favor de "outros valores" (com "vê" minúsculo)...

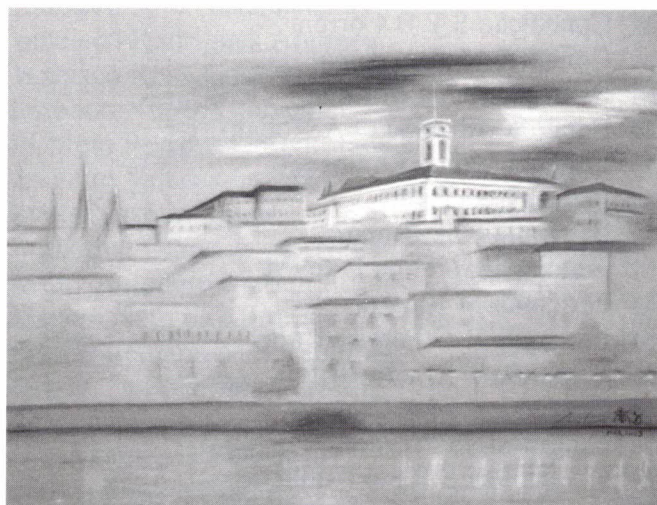
É neste Equinócio que começou a 21 de Março, que entre os Celtas, se festeja à deusa OSTARA ou EOSTRE (a deusa que deu à luz a Criança - o Sol), é nesta altura em que há o equilíbrio entre o dia e a noite, em que o tempo começa a equilibrar-se - nem frio nem sufocante calor... ainda chove...- da

fertilização da deusa pelo deus - a natureza floresce... é a época em que se celebra a vitória da vida sobre a morte, e que cujo símbolo desta deusa é o coelho, simultaneamente o símbolo da fertilidade e também da Lua (os antigos viam nas sombras da Lua um coelho) e do Ovo, o ovo cósmico da criação, posto pela serpente regeneradora (a serpente muda a pele), símbolos da vida que emerge de uma morte aparente, e é pois, a deusa OSTARA que anuncia o retorno triunfal da vida à terra, é a chegada da Primavera.

Por isso, a igreja Católica, vai celebrar a "Anunciação" (o Anjo Gabriel anunciando a Maria a sua gravidez...).

É que - **NADA É POR ACASO...**

Ainda bem que é hoje, Festa da Páscoa da nossa Associação, organizada pela nossa Filantrópica (e hoje não me perdi...), que faço a "troca" de "OVO"...



A Todos obrigado por tudo! E peço que me desculpem por tudo...

... aqui está o meu "Ovo de Páscoa", afinal tantas palavras e é isto que interessa, um pedaço de papel e alguns traços que, espero, digam muito mais do que por aqui disse...

... também espero ter conseguido deixar aqui, neste mesmo pedaço de papel, representado o que todos guardam no coração e na alma... (e a isto não se chama saudosismo), é

COIMBRA enlevada pela sua Universidade!

Aqui sempre PRESENTE!

Saudações do "transformador da realidade"<sup>\*1</sup>

*Anton*

\*1 - N.A. - inspirado em Nietzsche, de "Para além de Bem e Mal", quando diz que "um artista é um falsificador de imagens, de verdades..."

## ALMOÇO DE AGRADECIMENTO

No dia 22 de Junho p.p., realizou-se na Sede da AFAP, Av. Gago Coutinho, um almoço em que, aproveitando o aniversário da Fátima Lencastre, nossa Presidente, se lhe quis agradecer o muito que trabalhou para nos dar a alegria de termos a nossa SEDE. Bem Nossa!

Não vamos insistir no grande contentamento que nos enche o coração, nem vamos ignorar os esforços dos seus colaboradores. Mas é inegável que foi a sua dedicação total, sua tenacidade e acção bem conduzida que conseguiu concretizar, num espaço mínimo de tempo, um sonho que se afigurava, se não impossível, pelo menos longínquo.

Bem Haja, Senhora Presidente!

A ideia deste agradecimento surgiu de alguns Sócios, logo acarinhada por quantos tiveram conhecimento, com enorme entusiasmo.

Torna-se necessário deixar aqui um esclarecimento: a Filantrópica nada teve a ver com a organização desta cerimónia. A confusão adveio da necessidade de esconder da Fátima a verdadeira finalidade de um almoço para o qual precisámos da sua anuência e da confirmação da sua presença. Foi um pequeno e inocente disfarce.

O almoço, que correu na maior das harmonias, reuniu 126 pessoas todas irmanadas no mesmo espírito. Isso amenizou os efeitos de uma ementa que não foi famosa (malhas que a pressa tece!).

Depois do almoço, o nosso Vice-Presidente explicou claramente o sentido deste encontro, em curtas e sentidas palavras. Seguiu-se a entrega das prendas oferecidas colectivamente por todos os presentes. Foram três, tal como as que os Reis Magos levaram



Os Presentes dos Reis Magos

a Belém: um ramo de "bem-me-querer" expressando o nosso bem-querer, o tesouro de Ali-Bábá, ou seja, uma pequena arca cheia de moedas... de chocolate e um pergaminho ilustrado e assinado por todos os presentes.

Mais flores e prendas individuais lhe foram oferecidas, tendo também sido recebidos telefonemas e telegramas de Sócios que, não podendo comparecer, quiseram marcar a sua presença.

Cantaram-se, depois, os parabéns. Partiu-se o bolo tradicional (este de especial qualidade) e ergueram-se taças de espumante. A cerimónia acabou como a nossa condição de Antigos Estudantes de Coimbra exige - uma Serenata que, como sempre, nos encheu o coração de luz.



A Fátima e os seus Netos

Mais uma vez,  
Os nossos agradecimentos, Fátima.

*A Comissão Organizadora*

### Nota da Surpreendida:

Foi uma maldade! Ouviram-me dizer (num dos raros momentos de desalento que todos temos...) "estou presa por um fio..." e resolveram atar-me de pés e mãos à Associação!

E, assim "atada" até quererem, aqui estou a enviar a todos os que me saudaram e presentearam nesse dia, em presença e por mensagens, um mundo de gratidão e a garantia de não esmorecer no devotamento que a nossa querida Associação precisa e merece.

*Fátima Lencastre*

## XI ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO

Todas as comemorações do "nascimento" da nossa Associação como instituição autónoma têm primado pela alegria, redobrada com o passar dos anos de uma vida própria.

Neste ano, o convívio dos 131 participantes (e 10 crianças) teve um dos momentos mais clamorosos, pela incredibilidade estampada nos semblantes da maior parte: **a notícia de que a SEDE já nos pertencia de pleno direito e em propriedade plena!**

A acompanhar o entusiasmo, no palco do Instituto Português da Juventude (já nosso conhecido) e após um reconfortante almoço, desenrolou-se um **Sarau** em que deram as mãos, em harmoniosa simbiose:

- na música, virtuoso intérprete do Fado e da Canção de Coimbra: o Jorge Tuna que dedilhou a guitarra como só ele sabe, transpondo para ali o seu CD "*As Mãos e a Alma*", então lançado, e todos os cultores presentes, na voz, na guitarra e na viola, que ofereceram a sempre aplaudida *Serenata*;

- na animação e em superioridade de mérito (por inversamente proporcional às idades e estatutos...) a buliçosa estudantina "*Os Madre Christu*", cada ano mais enriquecida pela participação activa de mais um dos "rebentos", que se movem em cena com invejável à vontade;

- na cultura, uma inédita dissertação pelo Professor Catedrático da Universidade de Brown, Providence, Onésimo Teotónio Almeida, que ilustrou o seu saber da "*Filosofia do Amor*" com histórias e anedotas, naquele jeito de verdadeiro mestre a insuflar conhecimento sem o aprendiz se dar conta, como demonstra a síntese que o próprio elaborou:

### "A SÉRIO SOBRE O HUMOR"

**Onésimo Teotónio Almeida**

*Brown University, Providence, Rhode Island*

*Não é fácil resumir o que disse na minha palração sobre humor na AAECL. Sei apenas que não fui original. Fui à história da filosofia agarrar nacos sobre o tema porque quase todos os filósofos dele se ocuparam, o que não deixa de constituir um fenómeno curioso. Se tinham sentido de humor todos os que sobre o tema se debruçaram, isso não sei. Mas escrever, escreveram. (Há aquele cartoon de Wiley [Non Sequitur] que põe Deus num talk-show a dizer ao entrevistador: "Parece-me que a minha melhor criação foi o sentido de humor. A ironia, claro, está em que as pessoas de maior fé em mim são as que normalmente o têm em menor grau").*

*De facto, Platão e Aristóteles abordam o assunto. Mas fizeram-no também Thomas Hobbes e John Locke, e até Kant e Schopenhauer. O americano John Dewey não deixou igualmente perder a oportunidade de tentar penetrar um pouco no fenómeno.*

*Com o advento da psicologia e a multiplicação dos psicólogos, surgiram estudos mais sistemáticos. Mas foi da psicanálise que veio a grande teoria, que Freud expõe no seu *Anedotas e a sua Relação com o Inconsciente*.*

*Os estudos psicológicos abundam. Não apenas sobre os efeitos terapêuticos do humor e do riso, ou o seu impacte e uso social ou político, mas sobre o fenómeno em si: o que causa o riso, isto é, o como e o porquê.*

*Perguntas que evidentemente remetem a investigação para o campo estrito da ciência, donde se destaca a psicologia, integrada agora num conjunto interdisciplinar em rápido crescimento - as ciências cognitivas têm explorado o campo recolhendo dados de muito interesse.*

*As teorizações elaboradas em muitos dos estudos psicológicos tocam a filosofia. Não vem ao caso discutir a divisão de campos entre as duas disciplinas, até porque hoje cada vez menos os investigadores se detêm nesse mesmo pormenor. Digamos que é ainda marca dominante na tradição analítica a preocupação com a definição e sentido dos termos. Assim, os filósofos que têm vindo a ocupar-se do riso ou do humor procuram elaborar, com base nos resultados da investigação empírica, uma definição abrangente de "riso" que possa incluir todo o conjunto de fenómenos que na linguagem vulgar são denominados por esse termo.*

*O livro mais recente surgido do campo estritamente filosófica é *Taking Laughter Seriously*, de John Morreall (1983).*

*Morreall faz uma sucinta mas precisa revisitação das três grandes teorias sobre o riso, a que até agora se podem efectivamente reduzir todas as propostas conhecidas.*

*A saber, em traços rápidos,:*

- a) **A teoria da superioridade**, cujo defensor clássico é Hobbes, mas que remonta já a Platão e Aristóteles. Segundo esta teoria, o riso é uma expressão de sentimentos de superioridade sobre outrem.
- b) **A teoria da incongruência**, proposta sobretudo por Kant e Schopenhauer. No universo ordenado em que a nossa mente funciona, opera-se uma mudança inesperada, ilógica e de certo modo

*inapropriada, à qual a nossa mente reage rindo.*

c) *A teoria da libertação ou do alívio, de Freud, já atrás referida, segundo a qual nas situações de riso dispndemos uma certa quantidade de energia psíquica acumulada pela repressão de emoções sexuais e agressivas.*

*Há quem veja nesta teoria não uma terceira, mas apenas a combinação das duas anteriores vistas agora sob uma perspectiva um pouco diferente ou, ao menos, mais específica.*

*Morreall propõe uma teoria englobante tentando, como filósofo analítico que se preza, captá-la em definição: o riso resulta de uma rápida mudança psicológica agradável. Mas porque não é este o lugar apropriado para se ultrapassar o simplismo da apresentação das três teorias referidas, também não valerá a pena entrar-se nessa nova proposta, até porque ela exigiria uma série de comentários e observações críticas que tomariam muito espaço - basicamente destinado à demonstração de como a definição de Morreall se aplica ao contexto das outras três, depois de incorporadas na definição em causa.*

*Morreall faz, no início do seu estudo, uma distinção muito importante que tem passado despercebida a vários estudiosos e, por isso, muitos nela têm tropeçado. Trata-se de uma divisão entre "situações de riso, não-humorísticas" e "situações de riso, humorísticas". No primeiro caso, estão incluídas as cócegas, o riso ao ganhar-se um jogo ou uma competição desportiva, ao sentir-se embaraçado e o chamado riso histórico. No segundo, estariam o riso provocado por uma anedota, pela observação de alguém confuso ao contar uma anedota, de imitações de pessoas, etc.*

*A distinção é importante para quem pretende uma definição abrangente do riso, embora não esteja claro na obra de Morreall se ele pretende incluir as situações não-humorísticas na sua definição.*

*De facto, para a elaboração de uma teoria abrangente do riso, haverá que levar-se às últimas*

*consequências a distinção de Morreall e separar-se as situações que envolvem as capacidades cognitivas daquelas que se limitam às fisiológicas.*

*As cócegas e o riso poderão ter a ver com o estímulo provocado numa área específica do cérebro, mas isso constituiria uma redução excessiva e desinteressante sob o ponto de vista filosófico e até mesmo psicológico. Sem querer fazer graça, o caso seria idêntico a procurar-se uma definição para o choro que incluísse as situações de lágrimas provocadas pelo picar de uma cebola perto dos olhos.*

*Evidentemente que, assim a seco, nada disto tem qualquer graça porque, na charla que fiz no encontro da AAEECL, fui usando anedotas como argumentos, o que ia evitando que o auditório adormecesse em colectivo. Por isso, esta nota é um simples arremedo (pelo menos prefiro acreditar que assim é).*

*E deveria terminá-la expressando o prazer que para mim foi fazer a palestra. Com um público receptivo como eu tive, tem sempre mais graça.*

*O. T. A."*

Já no final do dia, os parabéns à Associação perante um monumental bolo de aniversário, a registar maior adesão em presenças e fervor académico à medida que os anos passam, desmentindo, assim, qualquer "Velho do Restelo" que se permita descrever da juventude de espírito dos nossos Sócios!

*A Direcção*



Os monumentais parabéns



As gerações dos "Madre Christu"

## CONFERÊNCIAS

### SOBRE "A UNIVERSIDADE DE COIMBRA E PEDRO NUNES"

No dia 14 de Março, no Hotel Zurique e após um belo repasto, o Prof. Doutor Henrique Leitão, do Centro de Física e Matemática Condensada da Universidade de Lisboa e membro da Academia da Ciência, falou-nos de Pedro Nunes, em comemoração da efeméride dos 500 anos de seu nascimento (ocorrido em 2002), com o vigor da sua juventude e a simplicidade do seu saber, como segue:

#### **"A Universidade de Coimbra e Pedro Nunes"**

Henrique Leitão  
Universidade de Lisboa

*Pedro Nunes (1502-1578) foi o mais importante matemático da história portuguesa e talvez o mais influente homem de ciência na história do nosso país. No ano de 2002 comemorou-se o V centenário do seu nascimento, uma ocasião propícia para se aprofundar o conhecimento do seu trabalho e lembrar a importância da sua figura na ciência do século XVI.*

*As contribuições científicas de Pedro Nunes versaram sobre vários temas, desde os seus bem conhecidos contributos à cosmografia e navegação teórica, até outros assuntos como a álgebra, a geometria, a mecânica teórica, a astronomia matemática. Foi também um homem interessado por questões mais aplicadas, sendo bem sabido que propôs várias novas técnicas e instrumentos. Os seus trabalhos foram publicados em obras que tiveram uma grande difusão, sendo muitas delas objecto de reedições, mesmo após a sua morte.*

*Na segunda metade do século XVI e primeiras décadas do século XVII a fama de Pedro Nunes estendia-se por toda a Europa. O matemático jesuíta Cristovão Clavius (1538-1612), uma das personalidades mais influentes no panorama científico da altura, referia-se a Nunes apelidando-o de "célebre matemático", "engenho penetrantíssimo", "inferior a nenhum outro em matemática no nosso tempo". Confirmando estas palavras, algumas das importantes contribuições científicas de Clavius, por exemplo relativamente ao problema dos crepúsculos ou ao nóio, têm a sua origem e apoiam-se essencial-*

*mente em trabalhos e especulações do matemático português. O também célebre matemático e cosmógrafo inglês John Dee (1527-1608), em 1558 nomeou-o seu executor testamentário apelidando-o de "esse homem eruditíssimo... que é para nós o único depósito e coluna das artes matemáticas". Edward Wright (1561-1615), também famoso matemático e cosmógrafo de Inglaterra, fez abrir o seu influente *Certaine errors of navigation* (1599), com a cândida confissão de que partes significativas da sua obra eram traduzidas, "palavra por palavra" dos trabalhos de Pedro Nunes.*

*Em França, o famoso algebrista Jacques Peletier (1517-1582) denotava a maior admiração por Nunes e Guillaume Gosselin (ca. 1510-1604) dizia que ele era um dos mestres em cujo juízo se fiava inteiramente, "in cujus verba juravi". Nos Países Baixos, alguns dos mais reputados homens de ciência, como Willebrord Snel (1580-1626) e Simon Stevin (1548-1620), entre outros, continuaram o trabalho de Nunes, creditando-o como o autor de teorias muito importantes. Em Espanha, Simon de Tobar, chamava a Nunes "o mayor matematico de quantos ha havido en nuestros tiempos", e o famoso García de Céspedes (fal. 1611), em praticamente todas as páginas do seu *Regimento de Navegación*, recorria às ideias e aos trabalhos do cosmógrafo português.*

*Estes exemplos multiplicar-se-iam com facilidade pois em praticamente todos os grandes matemáticos, astrónomos e cosmógrafos da segunda metade do século XVI e do século XVII é possível encontrar, se não referências directas aos trabalhos de Pedro Nunes, pelo menos alguns traços da sua influência. Confirmando o seu estatuto de eminente matemático de primeira linha, o Papa Gregório XIII incluiu Pedro Nunes no reduzido número dos especialistas a quem foi solicitado que se pronunciassem sobre o projecto de reforma do calendário, pedido este que é possivelmente a mais importante distinção científica que Pedro Nunes recebeu em vida.*

*Mas se a fama europeia de Pedro Nunes foi muito grande, a sua reputação no seu próprio país não foi menor. Logo após os seus estudos de medicina na Universidade de Salamanca, Nunes regressou a Portugal para, ainda relativamente jovem, ocupar lugares de grande relevo. Durante um curto período leccionou na Universidade, então em Lisboa; foi um protegido da Corte, amigo dos monarcas e tutor de príncipes; em 1529 foi nomeado cosmógrafo e, mais*

tarde, em 1547, nomeado *Cosmógrafo-mor do Rei*, num claro reconhecimento do valor dos seus trabalhos e da importância dos seus contributos; em 1548 foi eleito Cavaleiro do Hábito de Cristo.

De todos os cargos em que foi investido e de todas distinções que recebeu em Portugal, nenhuma foi tão importante como a sua nomeação como professor de matemática na Universidade de Coimbra, em 1544, por indicação expressa de D. João III. A importância que a própria Universidade atribuía a Pedro Nunes pode avaliar-se pelas palavras pronunciadas pelo reitor João Fernandes, em 1548, aquando da visita do Infante D. Luís à Universidade. Aludindo ao facto de Nunes, médico, se haver convertido em matemático, disse: "Mas por que motivo de queixa te calava eu, sapientíssimo Pedro Nunes? Julgava acaso que a matéria médica era inferior a essa abundância do teu talento? Com certeza que nenhuma ciência é inferior ao talento humano, por mais alto que ele seja. E, contudo, o amor da divina Matemática arrebatou-te da terra para o céu, onde, já que não há lugar para as enfermidades, com razão afastaste, não a ciência, mas a prática da medicina." E, depois, continuou com palavras que não deixam dúvidas sobre a elevadíssima consideração de que Nunes então granjeava no meio académico: "Felizes as almas que se preocupam em deixar o céu como herança aos vindouros. A antiguidade possuiu vários Arquimedes, e contudo a nossa época contentou-se com um só Pedro; é que não aparecem com frequência os diamantes, para que o seu valor esteja na raridade. Que hei-de eu dizer da tua completa erudição na excelência de toda a matemática? Tudo resumirei numa palavra. É graças a ti que o nosso Príncipe D. Luís, para quem a terra é um ponto, pode contemplar os vastíssimos orbes do mundo."

Em Coimbra Pedro Nunes envolveu-se não apenas

nas suas tarefas docentes, mas em toda a vida universitária. Os documentos revelam-nos um homem absorvido por tarefas administrativas e de governo, muitas delas certamente rotineiras e pouco agradáveis. Revelam-nos também que o mundo universitário do século XVI não era muito diferente do de hoje, e que Pedro Nunes, conquanto fosse julgado pelos seus pares como um matemático de excepção, não foi por isso poupado às questiúnculas e às fricções tão típicas do meio universitário; nestas polémicas, de resto, nem sempre era ele quem tinha razão. Ao mesmo tempo, o período em que esteve ligado à Universidade foi o período em que amadureceu muitas das suas investigações. E para além de tudo isto ainda era obrigado a acudir às suas pesadas responsabilidades como *Cosmógrafo-mor*, o que o obrigava a frequentes estadias em Lisboa.

Em todas as épocas a celebridade de uma universidade vem sobretudo da reputação dos seus mestres. A história da Universidade de Coimbra no século XVI nunca poderá ser contada sem uma referência àquele que foi um dos seus mais destacados professores.

[Para quem quiser saber mais: O melhor resumo da biografia de Pedro Nunes é a nota redigida por Joaquim de Carvalho na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, (Lisboa e Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1935- ), Vol. 19, pp. 53-65. Para uma análise detalhada da carreira de Nunes na Universidade de Coimbra deve ver-se o estudo recente de Fernando Taveira da Fonseca, "Pedro Nunes na Universidade. II - Coimbra", Revista Portuguesa de História, 35 (2001-2002) 297-333. O número 49 da revista Oceanos (2002) foi dedicado a Pedro Nunes].



A assistência atenta



Henrique Leitão com Amigos

# FESTA DOS SANTOS POPULARES

## DIA 28 DE JUNHO EM ALENQUER

O programa tinha sido cuidadosamente estruturado, a manhã estava bonita e amena e, cerca das 9,30 h, lá partimos nós da Reitoria rumo a Alenquer e seus arredores.

Inicialmente, e após curta paragem na vila-presépio, partimos, quais D. Quixotes, à procura dos tão típicos moinhos de vento, parte integrante da história e do património cultural do concelho.

Visitamos quatro belos e bem conservados moinhos - Cabanas de Torres, Penedos (freguesia de Ventosa) e dois no Lugar da Serra (freguesia de Santana da Carnota).

Embora o primeiro mantenha ainda hoje as suas funções - moer farinha, aos outros foi dada vida diferente - duas casas de habitação com todas as condições de habitabilidade e um museu onde tudo se mantém inalterável. Um deles funciona mesmo como turismo rural e... nada barato... mas até tem "suite"...

De salientar que, junto ao último moinho visitado, havia um pequeno centro de artesanato onde também se vendiam figos - e que figos! - que fizeram as delícias de muitos colegas.

Para não sobrecarregar demasiado a nossa



Os Moinhos

juventude, e para retemperar as forças, o almoço foi servido logo após a visita aos dois primeiros moinhos, no Restaurante "Páteo Velho", em Atalaia.

E, agora, como é que eu vou descrever este almoço? Bem, não há memória de tão saborosos

aperitivos e em tão grande quantidade. Tudo caseiro... Ao ar livre, com uma temperatura óptima, era ver os empregados chegar com pratos e mais pratos de iguarias e, claro, bebidas na mesma proporção.

Depois, na grande sala interior, tudo estava preparado com requinte para se apreciarem as sardinhas, as febras, o entrecosto, etc. e as maravilhosas sobremesas de doces e frutas.

Enfim, foi comer até mais não poder!

Mesmo assim, os empregados das respectivas grelhas queixavam-se de ter pouca freguesia. E, com isto, está tudo dito.

Na hora do café, realizou-se o tradicional concurso de quadras populares submetido ao tema "Os Três Santos Populares", tendo sido nomeado um júri abalizado para a sua apreciação.



O Júri e Premiados

Rumamos, então, a Alenquer, para visitar a "Feira Medieval". Mas, antes, junto à Câmara, foram lidas as três quadras vencedoras e entregues os respectivos prémios aos "eméritos poetas"...

*"Diz o povo e tem razão  
que só tem coisas quem pede  
obrigada meus Santinhos  
já temos a nossa Sede!*

*Moreninha*

*António, Pedro e João  
Qualquer deles é bem Santo  
Mas junto dos que aqui estão  
Talvez não o fossem tanto!*

*Poeta na Corda*

*Dos três Santos Populares,  
Sant'António é o milagreiro,  
S. João o Bem Disposto  
E o S. Pedro, o aguadeiro*

*M. J.*

Depois, todos nos divertimos na feira medieval, com as suas tasquinhas representativas das actividades culturais da época: pão quentinho a sair do forno, bolos, azeitonas, tremoços, artefactos de barro e joalharia, sem falar nos queijos, vinho e... cerejas vendidas no velho cartuchinho de papel pardo. Só que não custavam nem um cruzado nem um real, mas sim um euro!

De salientar, os grupos de música bem medieval com os seus alaúdes e pandeiretas, as cenas de teatro vivo, de rua, as diabruras incomparáveis de um artista (bobo / mimo / palhaço / arlequim), a venda das raparigas, o duelo pela sua dama, ou o simples duelo "de honra", mais ainda, uma briga de mulheres arrastando-se pelo chão e pelos cabelos, até serem separadas por um "meirinho".

Mas, o que vocês não sabem, é que um dos nossos colegas comprou uma jovem donzela que não tinha língua! Era mais cara porque só trazia vantagens!



*A compra da donzela sem língua...*

Cumprido o programa, e até porque começava a entardecer, às 20 horas regressamos a Lisboa de "papinho" cheio, digerindo, ainda, as delícias dos tempos medievais.

*Maria Dulce Miranda*

## TERTÚLIAS ACADÉMICAS

### 1. "TARDES DE DOMINGO" EM ALENQUER

6 de Abril de 2003

#### "Tarde Mágica" no Museu do Poeta João Mário em Alenquer

O Pintor João Mário costuma promover, no seu Museu, em Alenquer, os já muito afamados "Encontros numa Tarde de Domingo".

Por lá têm passado todos os grandes vultos das Artes Plásticas, da Literatura, da Música, em suma, da Cultura.

Tais "Encontros" ficam gravados para a posteridade nas paredes do salão principal do Museu.

O Passeio do Outono do ano transacto, promovido pela nossa Associação, terminou com uma visita a este Museu, um verdadeiro Monumento Nacional, pois lá se encontram representados quase todos os grandes nomes da Pintura portuguesa do século XX e ainda alguns do século XIX.

Notando que num dos "Encontros" o tema foi o Fado de Lisboa, o signatário indagou do Pintor João Mário porque não houvera um "Encontro" sobre o Fado de Coimbra, tendo-nos sido dito que tal se devia apenas a não se ter encontrado quem o fizesse.

Acertou-se então que iríamos propor ao Grupo Serenata de Coimbra que assegurasse um "Encontro" sobre este tema.

A Fátima Lencastre que, interessada, assistia a toda esta conversa, desde logo assegurou a total colaboração da Direcção da Associação e, no regresso a Lisboa, em pleno autocarro, deu conhecimento aos Associados da iniciativa que começava a germinar e que para Alenquer seria um "Encontro", mas que para a nossa Associação iria revestir a forma de uma "Tertúlia".

Por sua vez, o Grupo Serenata de Coimbra aceitou o encargo, com entusiasmo, mas com sentido da responsabilidade que estava a assumir.

Ao grupo instrumental (Alexandre Bateiras, Serrano Baptista, João Gomes, Rodrigues Pereira e Costa Brás) e aos cantores (Alcindo Costa, "Tito" Costa Santos, Barros Ferreira, João Tomé e Victor Carvalho) juntaram-se os cantores convidados Anjos

de Carvalho, Augusto Camacho e Sutil Roque, embora este, à última hora, por doença, não se tenha podido deslocar.

O Anjos de Carvalho e o Francisco Vasconcelos prepararam o texto e o Alexandre Bateiras elaborou o roteiro final do Programa.

Entre Janeiro e Março houve ensaios quase todas as semanas.

A Direcção da Associação preparou a "Tertúlia", noticiando o evento nas suas iniciativas (Jantares Mensais, Circulares, etc.) e incentivando os Associados a ir a Alenquer, aproveitando o autocarro que a Câmara Municipal de Alenquer disponibilizou para vir a Lisboa buscar o Grupo Serenata de Coimbra e seus Convidados.

Para além do autocarro cheio, muitos Sócios aproveitaram para se deslocar à linda vila de Alenquer nas suas viaturas.

No passado dia 6 de Abril, pela 15h30, no Museu do Pintor João Mário, em Alenquer, o Grupo Serenata de Coimbra iniciou a sua "Viagem pelo Canto e Guitarra de Coimbra", sendo o texto apresentado por Anjos de Carvalho, Murta Rebelo e Francisco Vasconcelos e "ilustrado" musicalmente por todos os elementos atrás referenciados.

Começando nos finais do séc. XIX, com o Fado das Três Horas e o Fado Hilário, foram ouvidas composições datadas de até 1920; veio, depois, a Década de Oiro (1920/1930); seguiram-se composições dos anos 40 e 50; depois dos anos 60 e Cantares de Intervenção; por fim, dos anos 80 e seguintes.

O "Encontro" e "Tertúlia" terminou com a Balada da Despedida para o 5º Ano Jurídico de 1906/07, um dos grandes êxitos do Grupo.

A "Viagem", apesar de ter durado cerca de três horas, foi uma síntese da realidade, consagrando quase todos os grandes nomes da Música de Coimbra.

O final foi verdadeiramente extraordinário, com o público, que encheu por completo o salão do Museu, a aplaudir vibrantemente todos os intérpretes.

Alguns dos "habitués" destes "Encontros", no final abeiraram-se de nós, afirmando que este foi o de maior êxito e o Pintor João Mário teve a gentileza de escrever ao Grupo Serenata de Coimbra dizendo: "Que tarde maravilhosa. Certamente dos momentos culturais mais altos destes encontros".

Esta iniciativa e este espectáculo "merecia" ter o apoio das Câmaras Municipais e ser exibido por todo o País, dado o seu reconhecido mérito e qualidade, bem como o carácter didáctico e cultural de que se

reveste, pois proporciona um conhecimento alargado da Música de Coimbra, nos seus variados aspectos (Fado, Baladas, Canções Guitarradas, etc.), numa verdadeira "viagem" através do Tempo.

Juntaram-se, assim, as vontades do Pintor João Mário, da Direcção da nossa Associação e do Grupo Serenata de Coimbra e seus Convidados para que uma "**Tarde Mágica**" tivesse lugar no dia 6 de Abril de 2003, no Museu do Pintor João Mário, em Alenquer.



Grupo "Serenata de Coimbra"

*"Tito" Costa Santos*

## 2. ANO EUROPEU DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

4 de Junho de 2003

A nossa Associação quis dedicar a Tertúlia Académica de 4 de Junho de 2003 ao Ano Europeu da Pessoas com Deficiência (AEPD), para dar a conhecer aos seus associados como nasceu esta efeméride, quais os seus objectivos, como está organizado, que eventos e projectos se têm desenvolvido e quem os promove. Para tal, convidou representantes de algumas entidades ligadas àquele acontecimento, bem como um jovem com deficiência para testemunhar a sua vivência pessoal. A sessão foi aberta pela presidente, Dra. Fátima Lencastre, que apresentou os convidados:

- Dra. Teresa Vasconcelos Caeiro, governadora Civil de Lisboa e presidente da Comissão Distrital de Lisboa do AEPD.

- Dr. António Capela Gordo, representante da Associação dos Deficientes das Forças Armadas na Comissão Nacional de Coordenação do AEPD.
- Ten. Coronel António Neves, presidente da Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes.
- Dr. Sérgio Gomes da Silva, deficiente visual.
- Dr. Eduíno de Jesus, assessor cultural desta Associação.

Seguidamente, dei algumas informações sobre tal efeméride, na qualidade de representante da Comissão Nacional de Coordenação, que passo a resumir.

O "Ano Europeu das Pessoas com Deficiência - 2003" foi proclamado pelo Conselho da União Europeia, em 3 de Dezembro de 2001, pela Decisão 2001/903/CE, visando promover, nos países que a constituem, a aplicação dos princípios da não discriminação e integração das pessoas com deficiência, que na União Europeia (UE) já ultrapassa os 50 milhões. Como reflexo das orientações contidas naquela Decisão, o ministro da Segurança Social e do Trabalho criou a Comissão Nacional de Coordenação (CNC) para o AEPD, através do Despacho nº 24730/2002, constituída por seis representantes de departamentos governamentais - Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, Conselho Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (CNRIPD), Instituto da Solidariedade e Segurança Social, Instituto do Emprego e Formação Profissional, Comissão Nacional para os Assuntos da Família e Comité consultivo do AEPD junto da UE - e seis representantes das organizações não governamentais da área da deficiência - Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA), Confederação Nacional das Organizações com Deficiência (CNOD), Federação Nacional das CERCIS (FENACERCI), Federação Portuguesa das Associações de Surdos (FPAS) e Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral (APPC) - eleitas pelas associações de deficientes que têm assento no CNRIPD.

Os objectivos da CNC advêm dos respectivos objectivos da UE, ou seja:

Consciencialização da opinião pública para a mudança de atitudes face às pessoas com deficiência; melhoria da qualidade de vida; garantia do princípio da não discriminação; garantia do acesso à educação pelas crianças e jovens com deficiência; promoção de medidas legislativas e sua aplicação; participação do

cidadão (com e sem deficiência); reflexão sobre a deficiência e suas consequências; informação sobre a deficiência e suas consequências; prevenção da deficiência; divulgação dos meios e recursos disponíveis que permitam à pessoa com deficiência a livre escolha do seu modo de vida; reforço das medidas de acessibilidade ao meio edificado, transportes e tecnologias de informação; cooperação com a comunicação social; fomento da responsabilidade social dos parceiros sociais; reforço das parcerias público / privadas; promoção da participação e criatividade através da cultura, desporto e lazer.

Para tal, a CNC decidiu descentralizar a sua acção, criando 20 comissões distritais e regionais, presididas pelos respectivos governadores civis e presidentes dos governos regionais dos Açores e da Madeira, que constituíram as respectivas comissões locais e escolheram as actividades a desenvolver.

O pequeno orçamento da CNC foi partilhado a 50% pela UE e pelo governo português.

A abertura do AEPD foi em Atenas e o encerramento será em Roma, por ser a Grécia e a Itália que têm a presidência da UE no 1º e 2º semestre de 2003. Cada país fez a sua abertura e fará em Dezembro o respectivo encerramento.

Para conseguir os seus objectivos a CNC desenvolveu várias actividades, nomeadamente: abriu concursos, a nível nacional, para a comparticipação financeira em projectos a desenvolver durante este ano, mediante determinadas regras; organizou e participou em encontros e eventos associados àqueles objectivos; promoveu campanhas de informação e acções de divulgação das boas práticas existentes; celebrou acordos de cooperação e parcerias com entidades públicas e privadas, autarquias, escolas e universidades. Diversas empresas também desenvolveram algumas acções neste âmbito, dentro da sua responsabilidade social, nomeadamente, a IBM, Portugal Telecom, BCP, Galp Energia, AIP, AHETA, Instituto Superior Técnico, Universidade de Aveiro, Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro, em particular na área das novas tecnologias, desenvolvendo Softwares que permitem aos cegos trabalhar na Internet, falar por quem não consegue, criar procedimentos e instalar tecnologia que permita aos paraplégicos fazer o abastecimento de combustível quando viajam sós.

Na sua qualidade de presidente da Comissão Distrital de Lisboa para o AEPD, a Dra. Teresa Caeiro, depois de agradecer o convite, manifestou a sua satisfação por estar ali, já que ela própria está ligada a Coimbra por laços familiares e a pessoas desta Associação por

laços de amizade desde a sua juventude. Fez uma explanação da constituição e das actividades da Comissão, das dificuldades a ultrapassar nesta área e desenvolveu a ideia da importância da solidariedade entre os vários actores sociais da sociedade civil, na concretização de projectos e acções para pessoas com deficiência. Tendo já visitado muitas das instituições do Distrito, sugeriu que só com um grande empenhamento e mudança de mentalidade da sociedade podemos caminhar para uma integração plena das pessoas com deficiência na escola, no emprego, no desporto, no lazer, na acessibilidade, nos transportes, na habitação e na vida social.

O Ten. Coronel António Neves explicou-nos o que é e quais os objectivos da Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes, deu-nos a conhecer as várias modalidades e provas nacionais, mundiais e olímpicas em que os seus atletas estão constantemente empenhados, muitos deles a par de cursos universitários ou técnico profissionais. Atletas de grande valor, ao mais alto nível mundial, subindo ao pódio em quase todas as suas participações e trazendo para o nosso país as medalhas de ouro, prata e bronze correspondentes. Salientou as grandes dificuldades que estes atletas têm para conseguirem um treino adequado, sendo muito pequeno o apoio que o nosso governo lhes presta. Normalmente são pessoas de magros recursos financeiros, moram longe, trabalham ou estudam e com dificuldades de emprego estável, com dificuldade na mobilidade e sem possibilidades de uma alimentação compatível com o esforço que desenvolvem.

O Dr. Eduíno de Jesus fez-nos lembrar grandes génios mundiais, nomeadamente no campo das artes, da literatura, da música, da arquitectura, portadores de deficiência. São exemplos disso, Mozart, Beethoven, Einstein, Afonso Domingues, Ray Charles, Stevie Wonder.

O Dr. Sérgio, jovem amblíope licenciado em Direito, fez-nos um relato sobre as suas vivências pessoais, mencionando as dificuldades sentidas durante o seu percurso de vida escolar, afectivo e profissional, conseguindo afirmar-se pelas suas capacidades e esforço pessoal, atingindo uma realização profissional bastante gratificante. É conhecida a incapacidade da nossa sociedade para aceitar a diferença, mantendo um comportamento passivo e de afastamento em relação às pessoas com deficiência.

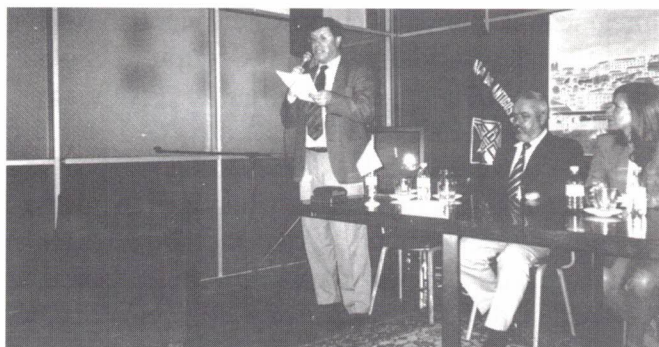
Começou por não ser aceite na escola primária por causa das suas dificuldades visuais, valendo-lhe uma familiar, professora com baixa médica, naquela altura, para conseguir vencer aquele ciclo escolar.

Depois de fazer o liceu em Braga, cursou a Faculdade de Direito de Lisboa, com as dificuldades inerentes à sua diferença e ao acesso à informação. Depois do estágio em advocacia, fez concurso para o curso do INA "Estudos Avançados de Gestão Pública", concorrendo com mais de 300 candidatos para cerca de 30 vagas, conseguindo o primeiro lugar. Com a duração aproximada de um ano, terminou aquele curso também em primeiro lugar, o que lhe valeu receber o prémio "Marquês de Pombal". Uma vez integrado na Função Pública na carreira de técnico superior, desenvolve a sua actividade profissional no Instituto de Comunicação Social.

Finalmente, a nossa presidente agradeceu aos convidados a sua prestação para tão importante e esclarecedora reunião, dando por encerrada esta Tertúlia Académica, a que se seguiu um pequeno beiberete.



*Apresentação pela Presidente da Associação*



*Intervenção do Capela Gordo*



*O jovem Dr. Sérgio*

*António Capela Gordo*

# CONVERSAS QUINZENAIS

1º Semestre de 2003

**41ª Conversa** - (29 Janeiro) - "*Actividades da Associação. Vem Dizer da Tua Justiça*", por todos os presentes. Esta foi a 2ª Conversa com este tema e teve, como já se esperava, uma maior participação dos Sócios. Fizeram-se perguntas, esclareceram-se dúvidas. Foram apresentadas algumas propostas, tais como a não inserção do Dia do Estudante no Passeio do Outono; a mudança de local dos Jantares Mensais; a periodicidade das Conversas Quinzenais, e outras.

Também foram sugeridos vários destinos para as Viagens de Verão do ano corrente, entre elas - Inglaterra e Escócia, Islândia, Cruzeiro no Reno, Croácia, etc. foi explicado pela Direcção as razões do adiamento da viagem à Austrália, que se fará logo que desapareçam os actuais condicionalismos. Esperamos que na próxima, a realizar-se no início de 2004, venham ainda mais Sócios com sugestões, que concorram para que a AAEC em Lisboa, seja cada vez mais activa e empreendedora de modo a ser do agrado dos seus Sócios e Amigos.

**42ª Conversa** - (12 Fevereiro) - "*Marquês de Pombal, o Estadista*", por Maria de Lurdes Amorim. Como nas suas anteriores conferências, Maria de Lurdes Amorim fez acompanhar toda a sua dissertação com imagens (diapositivos), realizadas por ela própria ao longo da sua investigação. Após ter traçado a genealogia do Marquês, centrou a sua exposição sobre a estátua situada na *Praça Marquês de Pombal* em Lisboa, ao cimo da *Avenida da Liberdade*. O monumento de 36 metros de altura foi inaugurado em 1934 com pompa e circunstância. Referiu as dificuldades que teve em fotografar o topo da estátua, só o conseguindo fazer do terraço do *Hotel Phoenix*. Daí pôde ver que os pés do Marquês pisam uma víbora - "a víbora da calúnia". Citou alguns nomes ilustres ligados à construção deste monumento, cuja 1ª pedra foi colocada na presença do Presidente da República Manuel de Arriaga, das dificuldades económicas que surgiram, sendo necessários peditório e espectáculos para angariar fundos suficientes para a conclusão da obra. Tudo isto amplamente ilustrado com imagens referentes a estes acontecimentos. A seguir foi o desvendar de toda a acção como estadista de Pombal, através do estudo e análise da própria estátua: suas inscrições, figuras alegóricas e grupos escultóricos, inscritas nas

faces as listas das reformas pombalinas. Na base do pedestal há alusões ao terramoto, com recurso a figuras da Mitologia grega, alegorias à Real Companhia e ao desenvolvimento da Agricultura com a ceifeira, a camponesa puxando o carro de bois, o pequeno templo que serve de resguardo a uma estátua de Minerva (alusão à reforma da Universidade de Coimbra?). referiu depois a expulsão dos jesuítas e a consequente decadência do ensino em Portugal, a horrível execução dos Távoras, etc. Morto D. José, D. Maria preferiu desterrá-lo para Pombal, tirando-lhe privilégios, em vez de condená-lo à morte como muitos queriam. A profusão de imagens, entre as quais muitos retratos do Marquês existentes em Portugal e no Brasil, alguns dos quais presentemente já destruídos, enriqueceram muito a exposição. A terminar recitou uma poesia de sua autoria "Aquarela Brasileira".

**43ª Conversa** - (26 Fevereiro) - "*Coimbra nos Anos 80. Uma Visão Particular*", por António Ribeiro.

Depois de um intróito em que explicou os motivos que o levaram para Coimbra, entre eles o de ter obtido uma Bolsa para o Curso de Informática criado na Universidade de Coimbra. Era na altura, Reitor, 1984, Rui Alarcão e havia 12.000 alunos distribuídos por 7 Faculdades. Com a criação de outras Universidades no País, Coimbra tinha perdido importância a nível do ensino. Muito virada, ainda, sobre si mesma e seu passado, depressa se deixa ultrapassar pela maior dinâmica da Universidade do Porto. A criação de Pólos não foi acompanhada, de início, pela compreensão e utilidade desse acontecimento. De 74 a 80 não houve Praxe. O clima era tenso e de austeridade económica. Para que ela fosse restabelecida foi preciso resistir e dar luta aos que a combatiam. As tradições académicas eram consideradas reacionárias, inclusive o uso de capa e batina. A politização da vida académica era enorme. As Serenatas tinham sido cortadas. As Repúblicas foram, pós 25 de Abril muito instrumentalizadas e eram fortemente contra a Praxe. Nos anos 80 começaram a ressurgir a medo algumas tradições para o que foi preciso lutar, como já se disse e convencer que elas ajudavam a integração e a convivência entre os estudantes. Era preciso coragem para usar a capa e batina. Em 1987, data da morte de Zeca Afonso, um grupo fez na *Sé Velha* uma Serenata vestidos de capa e batina. Surgiram de imediato grupos de protesto e contestação impedindo a sua normal realização. No entanto as tradições vão ressurgindo com enorme adesão. As "Queimas" voltam e com elas o uso do traje académico.

Poço a pouco volta-se à normalidade para o que muito contribuiu a Reitoria e a Associação Académica.

A República "*Rapa-o-Tacho*", que chegou a ser a sede do MRPP, nos anos 80, abriu as suas portas a estudantes de todos os quadrantes políticos.

Cria-se uma *Secção de Fado*, ressurge a *Pitagórica*. Nasce um novo e mais dinâmico intercâmbio com Universidades Estrangeiras. Renova-se o relacionamento com os antigos estudantes. O número de estudantes eleva-se rapidamente para 23.000, vindos de todas as Províncias e dos PALOP. Coimbra mantém essa característica de agrupar gentes de diferentes sensibilidades o que a torna, por sua vez, diferente das outras Universidades. Só ela com uma única Associação Académica e um só Reitor consegue congrega todas as Faculdades. Tem também um único Presidente. Surgem secções muito dinâmicas - Fado, Teatro, Rádio Universidade, secções desportivas: andebol, basquetebol, hóquei, futebol (Secção e Organismo Autónomo de Futebol). Por inerência está neste Organismo o Presidente da Associação Académica.

Terminou dizendo que foi determinante, para a sua formação, a experiência de vida que Coimbra lhe deu. Traz-se de Coimbra, disse, um espírito universalista.

#### 44ª Conversa - (12 Março) - "*Poesia e Filosofia, Um Itinerário Pessoal*", por Maria da Graça Patrão.

Depois de uma breve introdução em que justificou o tema escolhido para esta Conversa, na sua qualidade de Professora de Filosofia e Poetisa, recitou poemas da sua autoria sobre vários filósofos: Sócrates, Hegel, Kant, com referência à filosofia e pensamento de cada um e a outros grandes vultos da Cultura.

Poetisa de rara sensibilidade, faz poemas definindo a seu modo o filósofo, cujo pensamento interioriza. Ouvimos também um poema lírico a Antero de Quental e ao seu suicídio, interpretando o sentimento que o levou a esse acto extremo. A Van Gogh, pintor que sempre a impressionou, leu um poema que quase nos fez "ver" o quadro que a inspirou. Outro ainda a Camões, interpretando o sentido da obra do grande épico. Ao Outono que compara a uma sinfonia de cor e sombra. A Carl Marx, enquanto jovem que partia das possibilidades da consciência para resolver conflitos, e a Kant que considera um filósofo completo, lembrando que para ele era necessário não separar a Ciência da Ética e citou dele: "*O céu estrelado por cima de mim, a lei moral dentro de mim*".

Falou, depois, da sua experiência como professora de Filosofia e dos novos sistemas de ensino.

Terminou com a recitação de um poema com reflexões sobre a vida e a morte. Lindo! Encantou todos com a rara sensibilidade da sua poesia.

#### 45ª Conversa - (26 Março) - "*João Brandão, Herói ou Bandido?*", por Olga Reis.

Começou por contar que desde a sua infância na Pampilhosa da Serra, ouvira falar com terror de João Brandão, de seu nome João Victor da Silva Brandão, que em tempos aterrorizara aquelas paragens, pois nascera em Midões, não muito longe daquela área. Põe em dúvida a sua ferocidade, através de citação e leitura de vária bibliografia que consultou e de histórias que tinha ouvido, quando menina. Fez, depois, a história da época em que João Brandão viveu, assolada desde o princípio do século pelas Invasões Francesas que muito castigaram a Beira com as pilhagens e crimes de toda a ordem que os franceses cometeram, a que o poder político com os seus exércitos só conseguiram deter com o auxílio da criação de "milícias populares" armadas com "chuços" varapaus e outras armas improvisadas. A fuga da Família Real para o Brasil, o problema da sucessão de D. Afonso VI, a independência do Brasil com D. Pedro IV como Imperador e a consequente guerra civil em Portugal com a chamada revolução Miguelista, deram lugar a batalhas e divisões sangrentas entre os portugueses. João Brandão aderiu, segundo alguns, à causa Miguelista. Surgem novos conflitos originados pela Constituição jurada em 1820 e consequentes eleições. João Brandão torna-se cacique. As populações beirãs votavam em quem ele indicara sob ameaças ou mesmo sem elas. Não era um iletrado. É-lhe mesmo atribuída a autoria de um livro "*Apontamentos da vida de João Brandão*", por ele escrito na prisão do *Limoeiro*, envolvendo a História da Beira desde 1834. Vivia bem e sempre muito bem vestido. Fica a dúvida de que ele poderia ter sido um cidadão normal se tivesse vindo de outra família e vivido noutra época. O assassinio de um pastor (teria sido ele?), leva-o ao degredo para Angola onde vive à vontade e sem qualquer trabalho de degredado. É, no entanto, uma figura que se torna lendária devido a histórias verídicas e falsas que se contam. Pela sua má fama e da sua família eram-lhe atribuídos crimes cometidos por outras quadrilhas. Era fácil dizer-se "*foi o João Brandão*".

Surge nesse tempo um grupo de malfeitores verdadeiramente sanguinário, a "*Quadrilha do*

*Gato*", que comete crimes hediondos. João Brandão dá-lhe caça e destrói-a. É louvado por isso pelos Poderes Públicos.

Maria Olga realça, para finalizar, o panorama das convulsões e misérias de Portugal no séc. XIX e neste período, com as suas inúmeras batalhas que só terminaram com o 24 de Julho, data em que as tropas liberais chegam dos Açores a Lisboa.

**46ª Conversa** - (9 Abril) - "*Garrett e as Folhas Caídas (150 Anos da Publicação do Livro)*", por Eduíno de Jesus.

Eduíno de Jesus, começa por referenciar a época da publicação da obra "*Folhas Caídas*", dizendo que nos meados do séc. XIX o Romantismo era a corrente dominante na Prosa e na Poesia. Garrett, Herculano e Castilho, os três patriarcas do movimento, encontravam-se no auge da fama. Todavia uma nova geração romântica despontara com focos principais em Coimbra, no Porto e em Lisboa. Em Coimbra publicaram-se, por essa altura: "O Trovador" e "O Novo Trovador", dois jornais de poesia, que se tornaram arautos dessa geração, considerada por alguns historiadores de Literatura Ultra-Romântica, cujas figuras de proa são João de Lemos e Soares de Passos. Castilho veio a ser uma espécie de farol desta geração de exacerbado romantismo, mas, Garrett e Herculano, românticos da primeira geração, não caindo nesses exageros, seriam lidos pelas gerações futuras até hoje.

Garrett foi o introdutor do Romantismo na Literatura Portuguesa, mas, possuía uma sólida formação clássica. Foi durante o seu exílio na Inglaterra e na França que se deixou influenciar pelo novo gosto estético. A sua importância na História da Cultura em Portugal é, por um lado, a de ter dotado a Literatura Portuguesa assim como o Teatro Português de algumas das suas obras mestras e, por outro, o de ter contribuído com o seu espírito renovador para a reforma dessas duas modalidades da expressão literária pondo, nesses domínios, Portugal a par da Europa.

Referindo-se, depois, a "*Folhas Caídas*", considera esta obra o cume da poesia romântica de Garrett. A sua publicação suscitou algum escândalo pela maneira livre e apaixonada como, nos seus versos, se refere ao Amor.

A terminar foram lidos pela Maria Antónia alguns poemas exemplificativos de algumas das obras mencionadas.

**47ª Conversa** - (14 Maio) - "*Em Defesa da Língua e da Cultura Portuguesa*", por Alcindo Costa.

Alcindo Costa começou por afirmar que a identidade de um Povo, de uma Nação comporta sempre vários factores entre os quais a memória do seu passado, a sua cultura mas, sobretudo, o seu idioma, a sua língua sem a qual a união e entendimento entre as suas gentes não é possível além de ser a marca principal da sua própria identidade.

A obrigatoriedade de a falar e de, sobretudo, a usar nos documentos oficiais no território português, foi por D. Diniz estabelecida por Decreto-Lei.

A língua contribui e constitui ainda um elo entre os povos a que Portugal levou os seus valores, a sua maneira de ser tolerante, o seu humanismo quando partiu em frágeis caravelas na ânsia de desenvolvimento económico e fervor religioso.

A língua portuguesa é actualmente o 6º idioma mais falado em todo o Mundo e falam-na cerca de 200 milhões de pessoas.

Isto além de permitir unir os países que se expressam na nossa língua, permite também um melhor e mais fácil diálogo, um melhor entendimento, uma maior resistência à descaracterização da individualidade dos povos a que pode conduzir procedimentos exagerados da tão falada globalização.

A importância da língua como instrumento de acção económica e política é primordial. Assim o entenderam nações poderosas como os EUA, Inglaterra, França e Espanha que conseguiram que as respectivas línguas fossem e continuem a ser instrumentos de acção mundial, e infiltrando-se com escolas de ensino das suas línguas em países onde têm interesses económicos. Portugal tem descurado essa acção a vários níveis, embora tenha obrigação histórica de lhes seguir o exemplo. Essa obrigação está mesmo consignada na própria Constituição Portuguesa e em várias normas legislativas saídas de vários Convénios e Convenções. Assegurar o ensino, defender o uso e procurar a difusão internacional da língua portuguesa está, pois, prescrita como tarefa do Estado. Mas a prática, a execução de tais leis e normas é reduzida. Os emigrantes queixam-se da falta de escolas e professores, nos países estrangeiros em que vivem, que assegurem aos seus filhos o ensino da língua portuguesa. Por outro lado as agressões à língua portuguesa na Comunicação Social, são cada vez mais frequentes. Nos PALOP também continua a ser deficiente o ensino da língua e Cultura Portuguesa e, mais grave, é o facto de se aceitar pacificamente a introdução, cada vez maior do ensino da língua inglesa e francesa quer em Angola, Guiné ou Moçambique.

Mesmo no Continente é preocupante o domínio que a língua inglesa está a ter nos programas da TV, no abuso de palavras inglesas que a Comunicação Social utiliza, no campo musical, no comércio sobretudo no que diz respeito a restaurantes.

O Brasil dá-nos o exemplo ao aprovar uma lei, que estabelece que "qualquer palavra ou expressão em língua estrangeira... deve ser acompanhada... do termo ou expressão adequada em português", temos, pois, todos nós e o Estado em particular, o dever e o direito de impor que se respeitem normas legais já publicadas. Devemos com o nosso exemplo e esforço a que se respeite a riqueza e dimensão da nossa língua. De positivo, nos últimos tempos, diz Alcindo, há a salientar os esforços de dois dos nossos Euro-Deputados que levou a U.E. a que reconhecesse a Língua Portuguesa como a 3ª língua europeia de comunicação universal.

Façamos todos os esforços para que continue, pelo menos, a ser assim classificada.

**48ª Conversa** - (28 Maio) - "*A Vida Estudantil em Coimbra nas Décadas de 40/50*", por Isabel Vieira Alexandre.

Depois de ter traçado a traços largos a panorâmica estudantil em Coimbra desde a Escola Primária até ao ingresso na Universidade, após a conclusão do Curso Liceal e 7º Ano, segundo o sistema de ensino da época, referindo os vários estabelecimentos de ensino existentes quer oficiais, quer particulares, falou da relação cidade-estudante, única no país. A Cidade vivia para os estudantes e dos estudantes. Uma Cidade amada por estes onde se faziam amizades para toda a vida, onde se convivia sã e cordialmente com todos e em que as diferenças económicas, sociais, políticas e étnicas não se notaram, nem sequer se percebiam. Falou dos mestres, do auxílio que os mais novos recebiam dos mais velhos, dos usos da Universidade, nos doutoramentos, nos divertimentos e distrações que a Cidade e a Academia ofereciam, dos sítios de convívio existentes e de algumas "graças" que o mesmo motivava.

Aludiu à "praxe", às festas académicas, às "Repúblicas" e demais centros e organismos que acolhiam quer estudantes femininos quer masculinos. Recordou a Alta antes e depois das demolições, e as novas Faculdades. E também falou da Académica, da Briosa, dos seus jogadores, os seus adeptos e superstições. Acabou por se referir às mudanças que Coimbra sofreu, na expansão da Cidade Universitária, que criou novos sítios de convívio, à imposição

da praxe às estudantes e manifestou a sua eterna saudade da antiga Coimbra, onde viveu belos anos da sua infância e mocidade.

**49ª Conversa** - (25 Junho) - "*O Prof. Doutor Paiva Boléo, o Pai, o Homem e o Mestre*", por Maria Luiza de Paiva Boléo.

A autora, filha do Professor, traçou o perfil de seu Pai, Manuel de Paiva Boléo, Catedrático Jubilado da Universidade de Coimbra, distinto Mestre e um dos mais prestigiados investigadores da Linguística Portuguesa no séc. XX.

Foi longe a sua carreira universitária em Coimbra, onde os seus alunos sempre contaram com o seu auxílio e estímulo. O seu mérito e a elevadíssima qualidade dos seus imemoráveis trabalhos, foram sempre reconhecidos quer a nível nacional, quer internacional.

Maria Luiza Paiva Boléo, referiu-se especialmente à sua qualidade como Pai e Homem. Do seu carácter ressalta o seu espírito de justiça e tolerância. Esta, porém, não impedia o seu amor à ordem e disciplina que com certa severidade sempre impôs aos seus filhos. No cumprimento de horários e obrigações familiares e escolares era rigoroso, o que, admitiu, era indispensável numa família tão numerosa como a sua. Recordou ainda o seu carácter íntegro, a sua personalidade moral, o seu intenso amor ao estudo, a sua ânsia de ensinar todos os que a ele acorriam.

Celebrando-se o Centenário do seu nascimento no próximo ano de 2004, manifestou o desejo da realização duma cerimónia comemorativa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

## **PRÓXIMAS CONVERSAS**

(para o 2º Semestre de 2003)

**17 Setembro** - "*D. Francisco Manuel de Melo, Um Português Desconhecido*", por Fernando Campos;

**15 Outubro** - "*Maria Amália Vaz de Carvalho, sua Influência no Ensino Feminino em Portugal*", por Maria de Lourdes Amorim;

**29 Outubro** - "*A Vida de um Jovem Professor do Ensino Secundário*", testemunho de Jorge Fernandes (Vogal do Conselho Fiscal);

**12 Novembro** - "*O Eu e o Tu - Uma Dialéctica Irresolúvel em Vergílio Ferreira*", por Maria Joaquina Nobre Júlio; e

**17 Dezembro** - "*A Modinha Brasileira*", por Maria Luísa Sawaya.

*Isabel Alexandre*

## OS NOSSOS POETAS

### MEDITANDO

*Há música alegre  
P'ra todos dançarem*

*e acordes bem tristes  
tangendo-me a alma.*

*Há raios de luz  
nos olhos alheios*

*e flores viçosas  
onde as minhas secam.*

*Há lautos banquetes  
casacos de peles*

*e crianças rotas  
de olhos famintos.*

*Há muitos sermões  
e missa cantada*

*e falta de Amor  
na Terra entre os homens.*

*Há pombas tão brancas  
nos pombais dos outros...*

*e eu vejo Hiroshima  
a multiplicar-se.*

### POEMA IMORTAL

*Ainda não escrevi  
o poema  
na areia da praia  
com o mar azul  
acossando as rochas  
esburacadas  
de espuma verde.  
Ainda não escrevi  
o poema  
que aguarda  
dentro de mim  
que uma mulher  
de corpo e alma  
o venha fecundar.*

*Fernando Cardoso*

### PROCURO

*Procuro  
nas fragas do mar  
o aroma da tua presença  
e na areia da praia  
o desenho dos teus pés.*

*Procuro  
nas cadeiras vazias  
da primeira fila  
das grandes estreias  
o teu rosto de Esfinge.*

*Procuro  
na frescura dos jardins  
no barulho dos mercados  
as tuas mãos esguias  
buscando flores.*

*Procuro  
em todos os Cais  
nas chegadas e partidas  
o rasto do teu corpo  
ondulante.*

*Procuro  
nos comboios  
fumegantes  
o fumo  
dos cigarros que queimas.*

*Procuro  
na imensidão dos mares  
se alguma gota  
correu a tua pele  
de cera.*

*Procuro  
à porta das igrejas  
e dos Conventos  
a tua face  
angelical.*

*Procuro  
em todas as Campas  
em todos os Jazigos  
o teu nome gravado  
que desconheço...*

*Fernando Cardoso*

### N.B.

Para o Natal, Fernando Cardoso escreveu "O Ladrão dum Menino Jesus".

### Nota Biográfica

Fernando Cardoso é um dos melhores escritores infanto-juvenil, tendo alguns dos seus livros alcançado o maior número de edições em Portugal. Muitas das suas obras estão igualmente publicadas em *Braille*. Procedeu à única recolha, a nível nacional, da poesia popular, numa colectânea que consta já de 4 volumes. Por tal facto, foi convidado a apresentar, na televisão, a rubrica "*Poetas Populares*". Notável poeta, publicou cinco livros de poemas. É actualmente professor universitário e autor de vários livros de Direito. Mais de meia centena de livros escolares inserem pequenos extractos da sua vasta obra literária.

É, segundo alguns críticos e professores, o João de Deus do nosso tempo, quer como poeta quer como pedagogo. Atendendo ao conjunto da sua obra, foi distinguido com a "*Palma de Ouro*", pela *Accademia Internazionale de Pontzen*.

**COISAS**

*Eu sou poeta das coisas  
Em que mais ninguém repara  
E escapam por entre os olhos  
De quem tem pressa e não para.*

*Eu sou poeta das coisas  
Que não se podem medir  
E nos obrigam às vezes  
A ser verdade a fingir.*

*Eu sou poeta das coisas,  
Da natureza, do vento,  
Das coisas todas que pairam  
Por baixo do pensamento.*

*Eu sou poeta das coisas,  
De cada coisa isolada:  
Não sou poeta de tudo  
Nem sou poeta de nada.*

*Eu sou poeta das coisas,  
Coisas como a solidão  
Daqueles que esperam sempre  
- quer valha a pena, quer não.*

*Eu sou poeta das coisas  
Das que digo e que não digo,  
- porque são tantas as coisas  
e tão pouco o que eu consigo!...*

*Francisco de Vasconcelos*

**COIMBRA - Um Soneto**

*Coimbra é uma canção dentro do peito,  
Um padrão na memória repartida,  
Um rio de saudade inesquecida,  
Um espaço de sonho em que me deito.*

*É um sentido - mais do que um conceito.  
Brasa aquecendo a cinza adormecida,  
Ponte que vai do sonho até à vida,  
Amor - eterno ou breve - amor perfeito.*

*E sempre que, ao deixá-la, passo a ponte,  
Prende-se-me o olhar em Santa Clara  
Como se um gesto seu me detivesse.*

*Ah!, pudesse eu tê-la sempre no horizonte  
Quer fosse de entre as jóias a mais rara,  
Quer a ilusão de amor que me perdesse!*

**EPÍSTOLA**

*No meu céu  
Não há anjos nem santos.  
No meu céu  
Não há temor nem espantos,  
Nem pecados vestidos a rigor:  
No meu céu  
Há lugar para toda a gente  
Que viva, estatutariamente,  
Com amor.*

*Francisco de Vasconcelos*

**Nota Biográfica**

Francisco de Vasconcelos nasceu em Celeiros do Douro, concelho de Sabrosa, no dia 27 de Agosto de 1936. Em Dezembro desse mesmo ano foi para a cidade da Guarda, onde viveria até aos sete anos. Na sua freguesia frequentou a escola primária que concluiria em Espinho aos doze anos. Completou o liceu em 1954, no Liceu D. Manuel II, no Porto e, nesse ano vai para Coimbra. Pelo caminho ficam colaborações diversas nas páginas de "O Mensageiro" do liceu. Já em Coimbra, "aprendia" a ler Miguel Torga, enquanto se interessava pela música de Coimbra, que renascia por essa época. Em 1973 publica "O Perfil e a Madrugada" sob o nome Vieira de Sousa. Mais tarde, também beirão pelo coração, colabora na *II Antologia de Poetas do Concelho de Gouveia* em 1998. Tudo o que entretanto foi ficando na gaveta está nesta "Poesia Junta" (lançada em 11 de Maio pela *União dos Escritores e Artistas Transmontanos e Altodurienses - UNEARTA*).

**NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...**

**...em 2003 (até Junho) foram :**

Eng. João Augusto Marcos da Silva, Sócio 1149;  
Dr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide Ferreira Barbosa, Sócio 1150;  
Dr. João Álvaro Leonardo Correia da Cunha, Sócio 1151;  
Dr. Jorge Manuel C. Lopo Tuna, Sócio 1152;  
Dr.<sup>a</sup> D. Maria Madalena Nunes Cardoso, Sócio 1153;

D. Maria Luísa Viana de Paiva Boléo, Sócio 1154;  
Eng. Fernando Soares da Costa, Sócio 1155;  
Dr. Luís dos Santos Ferreira, Sócio 1156;  
Dr. José Gomes Cachadinha, Sócio 1157;  
Dr.<sup>a</sup> D. Maria Madalena Vilela Pimentel, Sócio 1158;  
Dr.<sup>a</sup> D. Cecília da Silva Caldeira, Sócio 1159;  
Dr. Ernesto Mário Teixeira e Silva, Sócio 1160 e  
D. Maria Gabriela de Sousa Rijo da Silva Gomes.

## IN ILLO TEMPORE

... ..

Já repararam na carga emotiva que tem o nome desta rubrica? Quem não tem um "in illo tempore" muito grato, muito seu...mas este tempo onde vamos mergulhar, não é meu, não é teu. De todos nós, ele é um elo mágico que nos une. Quase sinto a música de Verdi "Va Pensiero"... Só que as asas doiradas do nosso pensamento não nos levam às margens do Jordão, mas a outras não menos sagradas - as do nosso Mondego. Vamos até ao Parque da Cidade. Lembra-se?

Sala de visitas, catedral trinávica de naves laterais tornadas góticas pelos altos plátanos de claros troncos sarapintados. Que maravilha a do Poente!

Da margem de lá os laranjais, a Lapa, o aconchego da Quinta das Lágrimas, a Curva dos Poetas com barcas serranas, deslizando de velas enfunadas. Ao rés da água, num voo rápido, estridente, o pica-peixe, tam-bém dito pássaro-azul, mensageiro de felicidade... Quem de nós ali não sonhou...

Na alameda central, no lago incrustado num medalhão esmeralda, cravejado de gemas de mil cores - os amores perfeitos, vogam cisnes brancos, velhaquitos por sinal como atestavam as pernas dos seus tratadores feitas sudário às suas ferozes bicadas.

Festões de roseiras floridas bambolear-se de árvore em árvore até ao coreto romântico, alma do recinto.

Ao domingo era ali que a Banda do 12 dava concertos de que todos podiam usufruir. Havia ouvintes atentos, crianças fazendo as suas travessuras, passeavam namorados com o recato pedido pela época. Mas era nas noites de "Queima" que o coreto se tornava um lugar mágico, não tanto pelos "Ranchos", cantores da moda que ali se exibiam, como pela graça insuperável dos grupos académicos. Meu Deus! Como este meu afã de sacralejar o coreto me pregou uma tremenda partida! O coreto será um símbolo e nada mais porque o recinto confinado pelo seu gradeamento "arte nova" era escasso para conter os figurantes e dar largas às suas evoluções. Por isso, um pouco mais para o fundo do Parque, era cons-truído um tosco mas sólido palco onde podiam executar todas as travessuras que o seu sangue quente lhes pedia. Destes, o máximo dos máximos era o "Rancho Fininhos do Litoral". A ele pertenceram sócios nossos como o João Menano, o já saudoso Carmelo Rosa, o João Fernando da Graça Cruz, o Mário de Figueiredo Veloso...

## FRETE a GRAMAR dos FININHOS DO LITORAL na



## QUEIMA DAS FITAS MAIO 1940

*A capa do programa para a Queima das Fitas de 1940*

Já uma vez tive ocasião de evocar o famoso grupo num almoço da Filantrópica, mas para os Fininhos nunca é demais.

Estava-se em 1939. Rezam as "crónicas" que em Maio desse ano "sob a regência de Fernando Costa e a superior direcção de José Esteves Alves apresentou-se a público, pela primeira vez, num festival da "Queima das Fitas", no Parque da Cidade, o grupo académico coreográfico e folclórico "FININHOS DO LITORAL". Quem tenha sido o seu verdadeiro fundador não se sabe ao certo pois Carmelo Rosa que interroguei a esse respeito me disse que vários se gabavam da sua paternidade sem se chegar a uma conclusão decisiva. Nem isso interessa muito. Foi a Academia e basta!

Todos os participantes do "hiper-super-ultra afinadíssimo Rancho", como o programa de 1940 o classifica, eram rapazes. In illo tempore era impossível pensar-se em Fininhas. Contudo, os participantes "femininos" exibiam-se com extraordinário garbo. Era só ver a sua "inlegância" de formas, a farta bigodaça, a

atestar a sua feminilidade. E o que dizer das vestimentas? Blusita justa tentando segurar um seio a fugir para o pescoço, outro a escorregar para a barriga! A saia curta deixava à mostra pernas mais bem talhadas do que as de Marlene Dietrich, lanzudas, escanzeladas, mas ágeis no bailado. Mãos escondidas timidamente debaixo do avental. Sorriso cândido, inocente. Os seus olhos "Olheirudos e Velu-dosos" lançavam olhares de arrasar os corações, a fazer morrer de inveja as "Japonesas" que sob a protecção da asa maternal se afoitavam em Coimbra à árdua faina de pescar um doutor!

OS Fininhos entravam no palco ao som do "Cavai do Rancho" "marcha absolutamente inofensiva para diabéticos em segunda mão". Depois executavam uma "Rapsódia quasi Um-gara, saboroso acepipe confeccionado de Ruim Coêlho", era um espanto!

Se bem me lembro começava por um dos números mais vistosos em que, dançando com dois paus na mão, parodiavam os Pauliteiros de Miranda. Era o "Zalicú". Aqui vai a primeira quadra:

No alto daquela serra  
Ora toma, ora toma,  
Encontrei um "zalicú"  
Ora toma, ora toma  
Tomara-lo tu!

Quando chegavam os "ora toma" as Fininhas, curvadas, passavam os paus por baixo das pernas enquanto os Fininhos os iam zurgindo ritmadamente.

Ridicularizavam o ultra-romântico "Noivado do Sepulcro"

"Vai alta a Lua na mansão da morte  
já meia noite com vagar "suou"... E era vê-los a tirar o lenço do bolso para enxugar a testa, e a endeixa continuava:

"Que paz tranquila dos vai-vens da sorte  
só tem descanso quem ali baixou."

Quantos aos vai-vens eram representados por dois que balançavam um terceiro seguro por braços e pernas, para depois o deixarem cair ruidosamente no chão a interpretar o eterno descanso.

E que dizer da "Canção do Cigano", drama de faca e alguidar que António Menano celebrou. Cantava um: "Eu não quero o teu cavalo". Respondia veementemente o coro "Ó égua!". Esta interjeição ligada primeiramente a uma representação de Inês de Castro, acabou por fazer

parte da gíria académica. Às tantas, os Fininhos segredavam ao ouvido do seu par qualquer coisa (que eu não sei e que o nosso Colega Tito me aconselhou mesmo a não querer saber...). Imediatamente seguia a resposta: "Ora vai tu, ora vai tu, ora vai vai".

É possível que alguma coisa se tenha perdido da minha memória, mas lembro-me perfeitamente da apoteose final:

Que noite serena,  
Que noite de luar, que linda barquinha  
Que eu vejo no mar.

Pois vem ó meu anjo  
Fujamos daqui!  
Que a noite está bela  
Que a noite está bela  
E o amor nos sorri.  
Fujamos daqui!

Então era debandada trapalhona e geral...

Mas os Fininhos tinham outras habilidades.

Reduziam os Lusíadas a três Cantos que não passavam de uma paródia à Proposição do nosso poema épico.

Eis o I Canto:

"As lascas e os Fininhos bem tratados  
Que das virentas praias mondeganas  
Por pavilhões não d'antes s'primentados  
Ultrapassaram Ranchos de Tricanas  
Nas Canções e marchas adestrados  
Mais do que permite a tibia humana,  
Ante o pasmo do povo edificaram  
O Novo Rancho que tanto sublimaram".  
Assinava *Dona Jacinta (sua mãe)*.

Tinham os Fininhos mais alguns trunfos.

Contavam anedotas, cantavam o Fado, tinham "a valorizar o seu conjunto, a colaboração dum seis...têto composto por 10 vaidosos esqueletos". Um dos nossos Fininhos que complete o que eu forçosamente deixo incompleto.

Resta-nos uma saudade suave e ternurenta. Acabá-mos de visitar as margens do nosso Rio.

*Maria Olga Afonso dos Reis*

**NOTA** - Esta rubrica está aberta às "recordações" de todos aqueles que as quiserem lembrar.

# OS NOSSOS PASSEIOS

## Lá Fora

### I - FIM-DE-ANO EM MADRID

de 28Dez2002 a 2Jan2003

Foi um passeio tranquilo, cujo objectivo se centrava no convívio entre amigos numa noite especial, em que todos ensaiam superar o "peso" físico de mais um ano com a alegria de o ter vivido.

E essa noite ocorreu em **Madrid**, no *Hotel Crowne Plaza*, em plena Praça de Espanha, o que nos permitiu deambular "pedestrementemente" por todas as melhores artérias de Madrid até à *Plaza Mayor*, nos tempos livres do programa.

Confraternizámos (éramos 84) com um animado grupo italiano e com "nuestros hermanos", festejando eles o *Réveillon* às 24h espanholas e exigindo nós um muito especial à 1h da madrugada (que correspondia às 24h portuguesas), com eferreás a Coimbra, com "*Coimbra tem mais encanto*" e por aí adiante.



Animação

O certo é que os italianos acompanharam-nos na toada e, às tantas, já se misturava o fado com o "*sole mio*" e se entrelaçavam as mãos em danças de roda. Quanto ao programa, assinalamos aqui o principal: passagem e almoço em **Elvas**, na ida; visitas guiadas aos históricos "*Mosteiro do Escorial*" e ao monumento a "*Santa Cruz del Vale dos Caídos*", que a maior parte revisitou sem diminuir a impressão da magnificência que transmitem; visita de um dia inteiro à preciosidade que é **Toledo**, com ímpares riquezas arquitectónicas e paisagísticas. Também Madrid mereceu uma visita panorâmica e entrada nos principais museus, catedral e jardins, oferecendo-nos uma exibição do seu flamenco em jantar típico que a todos agradou.

As únicas notas dissonantes foram a péssima prestação de serviço no hotel, o desequilíbrio dos quartos (uns aceitáveis e outros inadmissíveis) e a monotonia dos menus, no hotel e nos restaurantes: frango sobre frango! A ponto de inspirar um dos nossos convivas que traduziu o fastio neste

### "ÓD(IO)E AO FRANGO"

*É preciso muito galo!  
Depois da Europa a peru  
Eu até tinha jurado  
Só comer carne de pêlo.  
Aquele bicho, nem cheirá-lo  
Ou, sequer, voltar a vê-lo,  
Quer cozido quer em cru!*

*Mas eis que, agora, em Espanha,  
Esta nem ao peru chega:  
Fica-se pela ave "manchega"  
- E que é pior do que repolho -  
mas que sempre nos acompanha...  
Mas não percamos a fé:  
Sendo a MASTER como é,  
Sempre atenta e diligente,  
A malta está mais contente  
Pois de mudança há sinais:  
Muda o local da lembrança  
E, com isso, fica a esperança  
De logo à noite... haver mais!*

*Autocarro Toledo-Madrid, fazendo a (in)digestão de  
3 frangos seguidos, razão mais que suficiente para a  
ode sair tão frouxa."*

*Carlos Paquim da Costa*

Mas... "atrás de mim virá quem bom de mim fará" - assim diz o ditado popular e com razão: foi com alvoraçada esperança que aguardámos o último almoço (na viagem de regresso), com um anunciado menu diferente.

Diferente foi, mas a carne era tão dura que, espontaneamente, começámos a cantar "*Ó frango, volta para trás*".

Isto misturado com os "parabéns a você", dedicados ao nosso querido Carlos Rocha, que persiste em fazer anos sempre naquele dia 2 de Janeiro, teimosia que

nós relevamos alegremente, desejando a sua companhia de aniversariante no fim-de-ano que se seguirá.

E o "polho" ficou mesmo para trás nas nossas recordações!

*A Direcção*



O Grupo em Toledo

## Cá Dentro

### I - PASSEIO DA PRIMAVERA POMBAL, LOUSÃ, PENACOVA E COIMBRA

De 1 a 4 de Maio de 2003

O dia estava esplendoroso, era o mês de Maio.

E às 9,00 horas em ponto o autocarro deixou a Cidade Universitária, seguido por dois automóveis com participantes que já não tinham lugar no autocarro. Íamos dar o nosso **Passeio da Primavera** a Coimbra, o qual, desta vez, coincidia com a Queima da Fitas.

Após uma paragem técnica numa zona de serviço da Auto-Estrada 1, chegámos a **Pombal**. A esperada visita à Quinta de Santa Ana, na Redinha, foi muito breve e ficámos apenas com uma vista geral da Quinta e da casa, que seria um lugar magnífico para Turismo de Habitação.

E na boa altura, seguiu-se um lauto almoço no "*Manjar do Marquês*", uma tentação, com todos



Pombal - O Grupo

aqueles petiscos e doces regionais. Já em Pombal, o Sr. Dr. Michael António, que nos aguardava e é o responsável pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da cidade mostrou, nos Paços do Concelho, uma exposição alusiva a "*Sons e Vozes do 25 de Abril*" e acompanhou-nos numa visita à Igreja de Nossa Senhora do Cardal, Convento do Cardal, Museu do Marquês, Celeiro do Marquês, Centro Cultural, Castelo e Torre do Relógio.

A meio da tarde, partimos para **Coimbra**.

Entretanto, o tempo tinha-se modificado...

E quando, depois do jantar no Hotel, nos encaminhámos para a Sé Velha, para assistirmos à *Serenata Monumental*, caíram algumas gotas de chuva. O nosso grupo separou-se e cada um tentou arranjar um lugar, de onde pudesse ver, o melhor possível, a *Serenata*.

Foi bom recordar os velhos tempos, sentir o palpar de Coimbra na altura da Queima, que todos os anos se repete e que é um espectáculo sempre renovado.

Antes de se iniciar a *Serenata*, um estudante desceu por uma corda, em "rappel" do alto da Sé Velha até ao chão, provocando o maior entusiasmo.

O Largo da Sé foi-se enchendo e, quando a *Serenata* começou, ninguém se podia mover da posição em que estava. Entretanto, começou a chover - aquela chuva miudinha, que cai incessante e que vai molhando, molhando...

Choveu de tal modo que tivemos de regressar ao hotel. Mas tínhamos que resolver um problema: Como sair dali? Fizemos várias tentativas, sem resultado. Até que, à nossa frente, apareceu um cidadão, julgamos que francês, com ar façanhudo, que abriu caminho à força de cotovelos. Só tivemos que o seguir e, rapidamente encontramos-nos já fora do Largo da Sé, e foi só rumar ao hotel.

No dia seguinte, já sem chuva, seguimos para a



Parte do Grupo na escadaria do Mosteiro do Lorvão



No Parque de S.ta Cruz em Coimbra

**Lousã.** O Vereador da Cultura, Dr. Maia Costa, recebeu-nos no *Salão Nobre*, onde nos deu as boas-vindas, tendo-nos oferecido algumas lembranças alusivas a esta belíssima região, onde o verde e o azul nos rodeiam a cada momento. Sempre acompanhados pelo Sr. Vereador da Cultura percorremos uma zona com pontes, regatos de água transparente a deslizar por entre as fragas e chegámos às piscinas naturais de Nossa Senhora da Piedade, tendo desfrutado de um óptimo almoço no restaurante típico "O Burgo". Para lá, o caminho foi a descer e...para baixo, todos os santos ajudam. Só que, à volta, tivemos que fazer uma subida bastante íngreme até chegarmos ao autocarro que nos esperava. Aqui, o tempo perde o seu valor e apenas o espaço impera... Mas havia que cumprir o programa.

Rumámos a **Penacova**, onde, depois de uma visita aos Paços do Concelho, fomos ao Mosteiro do Lorvão, o monumento mais importante do Concelho, com a Igreja do século XVIII, de proporções correctas e harmoniosas, perfeita na decoração sóbria; a Sala do Capítulo, onde se encontra provisoriamente instalado o Museu; a grade do coro, de ferro forjado, com aplicações de bronze dourado; o cadeiral, de jacarandá preto do Brasil e, para finalizar, a imagem de Nossa Senhora da Vida, do século XIV, num dos altares do coro.

Na Portela da Oliveira, de onde se pode apreciar uma paisagem ampla e de grande beleza, encontrámos um património cultural e económico que interessa preservar: os moinhos: aqui se conserva também o Museu do distinto poeta, prosador e professor universitário que foi Vitorino Nemésio.

Ainda no Concelho de Penacova, tivemos oportunidade de visitar o Casal de Santo Amaro, que foi o principal centro de exploração de cal na região. Ali se concentraram vários fornos, cujas estruturas

ainda não desapareceram. O restauro de um desses fornos, com o respectivo telheiro e um espaço como núcleo museológico, atesta bem como a dinâmica da produção de cal faz parte da identidade desta zona. Retemperámos forças com o jantar no *Restaurante Ferradura*, em **Penacova** e regressámos a Coimbra, para passarmos o serão no Teatro Académico de Gil Vicente, no Sarau da Queima das Fitas, recordando velhos tempos. Aí, ouvimos a *Orquestra da Tuna Académica*, o *Orfeão Académico*, um *Coro Misto*, o *Coral de Letras*, o *Coro da Capela*, a *Estudantina Universitária de Coimbra*... A noite ia longa quando regressámos ao Hotel, mas a terceira parte do espectáculo ainda nem tinha começado.

O terceiro dia deste nosso passeio iniciou-se com uma visita à magnífica exposição "*Do Gótico ao Maneirismo*", na Sala da Cidade de Coimbra (Câmara Municipal). Entrámos na Igreja de Santa Cruz, a tal feita de pedra morena, mas já não foi possível a visita, por estar a decorrer uma celebração eucarística. Após o almoço no *Hotel Astória*, um passeio por Coimbra levou-nos àqueles recantos a que a nossa juventude está ligada... Quem não se lembra do *Pátio das Escolas* e das "*Latadas*"?

O nosso passeio estava quase a terminar. Mas no último dia ainda tivemos tempo para visitar a Igreja de Santo António dos Olivais e a sua lindíssima sacristia, com uma magnífica talha dourada. Em seguida, ainda nos detivemos no *Penedo da Saudade*, uma paragem obrigatória para quem aqui estudou e por aqui passa.

O almoço estava planeado para o Restaurante "*A Democrática*", após o que regressámos a Lisboa. Mas o "bichinho" da saudade não descansa e voltaremos a Coimbra logo que for possível.

*Maria Isabel Soares da Costa*

## JORGE TUNA

### "AS MÃOS E A ALMA"

O nosso virtuoso da guitarra Jorge Tuna apresentou ao vivo o seu CD "*As Mãos e a Alma*", na FNAC do Colombo em 14 de Março, na FNAC de Cascais em 23 de Março e no I Festival da Cultura de Coimbra "A Guitarra e os Académicos" em 19 de Junho, acompanhado do também nosso artista Durval Moreirinhas.

O texto que se segue ilustra, como nenhum outro, quem é o Jorge e pretende registar o abraço de um Amigo que tornamos abrangente a todos os Amigos da nossa Associação:

**"Jorge Tuna**

**O Navegador Solitário**

*Há três anos, num solarengo dia de Verão, reuni na minha casa de aldeia três amigos dos tempos de Coimbra:*

*- O Jorge Tuna, o Luís Goes e o Durval Moreirinhas.*

*No final de um repasto bem regado de recordações e honestamente acompanhado por um cozido à portuguesa à moda antiga, eu tinha uma surpresa para cada um deles. Talvez inventada pela Natália Correia, nossa amiga, que escrevera um dia que "a poesia é para comer".*

*E foi assim que, como digestivo das porcinas carnes, eu ofereci a cada um deles um poema.*

*O que dediquei ao Jorge, e até agora inédito, rezava assim:*

*A guitarra do Tuna*

*Os dedos nas cordas da guitarra*

*E os sons quentes de Agosto*

*Como se fossem os cantos da cigarra*

*Entre a farra*

*E o mosto*

*E as unhas cravadas como garras*

*Nos bordões*

*No aço das guitarras*

*E o libertar das notas*

*Como caravelas*

*Procurando rotas*

*Penso que esta alusão à vocação marítima das descobertas - no caso do Jorge - da descoberta persistente de novas rotas para a guitarra portuguesa (mesmo que lhe chamemos "de Coimbra") tem todo o sentido.*

*É que, antes de tudo, o Jorge Tuna é um navegador solitário, um criador quase imune à influência de outros, e cuja música tem identidade própria, tão pessoal como as impressões digitais que, ao longo de mais de quatro décadas, foi deixando marcas na escala da guitarra.*

*Depois dos anos de Coimbra e de Lisboa, em que pisou palcos portugueses e estrangeiros, o Jorge Tuna remeteu-se a uma espécie de clandestinidade só interrompida pela gravação de discos.*

*Ao contrário de outros guitarristas, de Coimbra e de Lisboa, que fizeram uma carreira de espectáculos, o Jorge, talvez a pretexto da docência de Cardiologia, das aulas, do hospital, do consultório, dos seus doentes, fez um espécie de retiro conventual, na intimidade da sua casa, onde só o eterno Durval Moreirinhas e a sua viola têm acesso aos serões de trabalho musical.*

*Recorro à ajuda do Pedro Caldeira Cabral que, no seu excelente livro "A Guitarra Portuguesa" (editado no conjunto de livros "Um Século de Fado"), a páginas 262, escreveu o seguinte:*

*- "Dotado de um estilo muito próprio e uma técnica desenvolvida, com o objectivo de produzir uma sonoridade cristalina e isenta de ruídos mecânicos, Jorge Tuna cedo se destacou dos restantes guitarristas da sua geração pelo sucesso obtido na execução das suas próprias composições, dotadas de uma grande originalidade, e pela extraordinária capacidade de lhes imprimir uma profunda dimensão emocional, que comunica através das execuções em disco".*

*Concordo plenamente com o que escreveu o Pedro Caldeira Cabral e subscrevo o que diz.*

*E ainda bem que foi o Pedro porque, se fosse eu a dizer o mesmo, por outras palavras, talvez eu próprio suspeitasse de algum exagero de amizade de longa data.*

*Para além do indiscutível mérito da música do Jorge Tuna, entendo sublinhar dois aspectos que me parecem constituir os maiores pilares da sua obra e identidade guitarrística.*

*O primeiro é o de que, não obstante a sua admiração e respeito pelo genial Carlos Paredes, o Jorge conseguiu manter-se imune a essa dominadora influência e preservar a sua identidade.*

*O segundo é o de que, não tendo recorrido a qualquer estatística que não a da memória, me permito afirmar que o Jorge Tuna será, de todos os guitarristas da escola de Coimbra, aquele que mais e melhor compôs.*

*Convém, e é de justiça sublinhar que, tal como Fernando Alvim foi o grande suporte de Carlos Paredes, também a viola do Durval Moreirinhas tem sido, há mais de 40 anos, a bússola e bóia do navegador solitário que o Jorge quis ser.*

*Este disco - "As Mãos e a Alma" - tem uma história atribulada.*

*A meio da gravação (que acompanhei em diversas fases), isto é, em finais do ano 2000, o cardiologista viu a guitarra cardíaca falhar.*

*A dramática situação do momento era a de saber se aquele coração, em forma de guitarra, seria capaz de superar a desafinação das artérias.*

*Ao longo de penosos dias receei que tudo ficasse por ali, o homem e a sua guitarra.*

*Felizmente que o Jorge e a sua teimosa vontade de continuar vivo venceram a batalha: o navegador solitário sobreviveu à fúria do mar e seguiu viagem.*

*Mas, para além do conforto familiar e dos amigos, foi na guitarra que o Jorge encontrou a bóia de salvação.*

*Quando o Durval me disse que já tinham recomeçado a ensaiar e que, dos ágeis dedos do Tuna, tinham de novo jorrado, em catadupas, as belas frases da sua dissertação musical, eu percebi: tínhamos homem!*

*Ou muito me engano, ou o regresso à guitarra foi para o Jorge a melhor das terapêuticas.*

*O meu amigo que me perdoe esta devassa da sua privacidade, mas eu não fui capaz de separar, no drama deste disco, a música do sofrimento. Porque, em boa parte, ele também é resultado do sofrimento transformado em música.*

\*

*Mas que disco é este?*

*Na pior das hipóteses, será o seu penúltimo. Porque o navegador solitário, depois de encostar ao cais, já está a planear novas viagens: como escreveu o Manuel Alegre, "Ainda há mar".*

*Dos doze temas do disco, três deles são do Artur Paredes ("Variações em Sol Maior", "Variações em Si Menor" e "Variações em Ré Menor").*

*Curiosamente, hoje, muitos guitarristas tocam Carlos Paredes (e não é fácil fazê-lo bem), mas muito poucos se atrevem a enfrentar o repertório de Artur Paredes.*

*O Jorge Tuna, desde que o conheço, sempre foi um excelente executante das variações do génio revolucionário da guitarra de Coimbra dos anos 20. e esta é uma homenagem que entendeu prestar-lhe. E que homenagem!*

*Mas o Jorge, em matéria de homenagens, não se ficou por aqui: ao Luís Goes e António Bernardino, dois dos melhores cantores que passaram por Coimbra e que o Jorge Tuna acompanhou, são dedicadas duas guitarradas ("Cântico da Marés" e "Adeus Berna").*

*Os restantes temas poderiam ser emoldurados num riquíssimo álbum de fotografias e memórias musicais, num roteiro de apontamentos e recordações.*

*Confesso que não tenho vocação para crítico musical porque sempre defendi que música é para se ouvir e não para se escrever sobre ela.*

*O que neste disco está em causa, antes e acima das doze guitarradas, das suas cores e ritmos próprios, é o Jorge Tuna, a sua criatividade, a agilidade dos seus dedos e o talento da sua imaginação.*

*Meu caro Jorge,*

*Agradeço-te teres-me pedido para fazer a apresentação deste disco, "As Mãos e a Alma".*

*Mas, como dizia o outro, "palavras leva-as o vento"...*

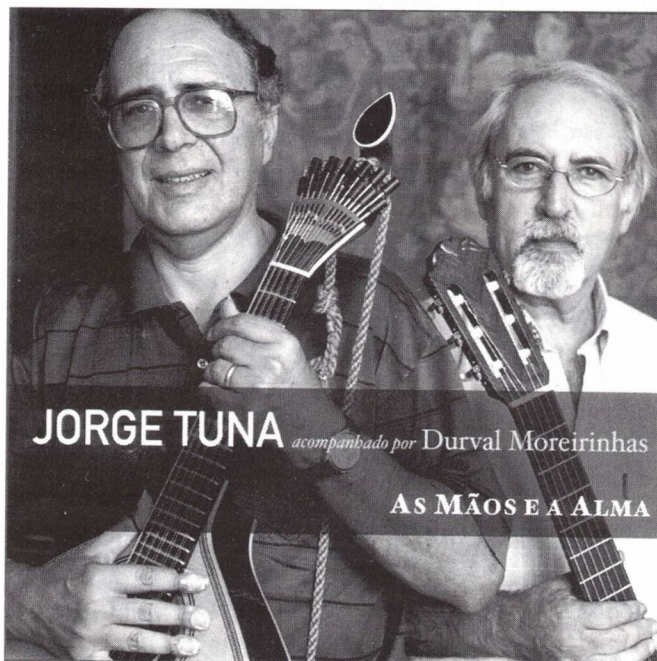
*O que verdadeiramente interessa, e vai ficar, são as tuas "mãos" e a tua "alma" de grande guitarrista.*

*Um abraço, navegador.*

*José Niza*

*Perofilho - Outubro 2002*

*P.S. - Nesta gravação, o Jorge Tuna tocou numa guitarra de Carlos Paredes, construída por João Pedro Grácio Júnior, nos anos 60."*



## A VOZ DA FILANTRÓPICA

A Filantrópica, dentro do seu limitado campo de acção, tem vindo a desempenhar as funções que se propôs, sem qualquer alarde! Talvez por isso não se sintam... mas o que não se sente é como que não exista. Ora, porque não basta à mulher de César ser virtuosa, porque não queremos que nos tomem por mera "fachada", uma vez sem exemplo vou falar da nossa acção que, repito, é e deverá ser efectuada sem propagandas e com todo o recato.

Pelo telefone ou por correio temos vindo a contactar Colegas que, pela sua idade, falta de saúde ou solidão, mais se aquecem ao calor de uma palavra amiga. Temos tentado animar doentes, indo quando necessário visitá-los ao hospital ou até a casa, eles não precisam de mais nada senão de uma manifestação de carinho.

- ainda não há muito tempo, levámos a uma Colega que estava "a partir", o consolo de ouvir cantar só para ela, um dos nossos fados, pois confessava que, depois de Deus, o que mais gostava era do Fado de Coimbra. Não sabíamos que esse acto seria, assim, uma espécie de viático.

- Acompanhámos Colegas que tinham receio de se deslocar a sós, na resolução de problemas do dia-a-dia.

- Fomos buscar alguns a casa, para assistir a convívios nossos quando não se podiam deslocar por si. É pena que muitos se sintam sem força física ou psicológica, para vir conviver connosco. Não os podemos forçar...

- Quando sabemos, temos feito os possíveis para dar algum ânimo aos que perderam entes queridos: escrevendo, visitando, indo a funerais. E isso transcende a mera rotina social. É feito com amizade. Devo citar um facto que, sem nada valer, nos foi agradecido como tendo muito valor: Estávamos nos momentos que antecedem o funeral de um Colega nosso, tentando confortar a viúva que se queixava de não ter posto o emblema da Académica no casaco do marido, como seria de sua vontade. Pois ele desceu à sepultura, não com o emblema da Académica, que não tínhamos à mão, mas com o da nossa Associação que lhe é tão idêntico. Um elemento da Filantrópica tinha-o tirado da sua própria lapela e entregou-o à viúva e ao filho, que de imediato o pôs ao peito do pai.

Mais poderia contar mas não quero, nem devo, e só se for mesmo necessário, voltarei a tocar em assuntos desta natureza.

Pensámos em renovar e dar mais vida ao nosso Grupo de Apoio médico-jurídico. Começámos pelos médicos no activo e residentes na área de Lisboa a quem dirigimos uma carta-circular pedindo colaboração, mas... apenas um respondeu - o Dr. Augusto

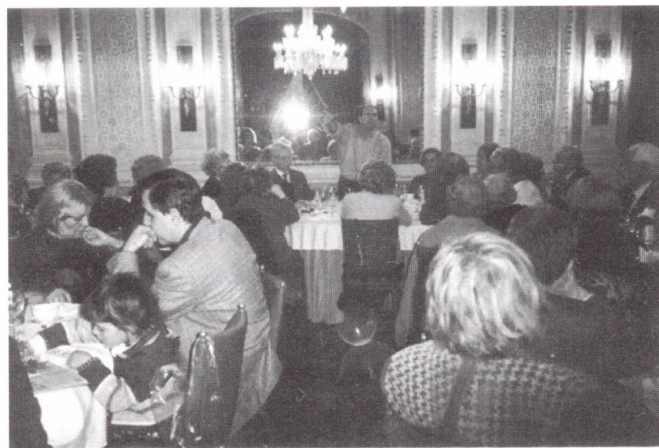
Camacho Vieira, um exemplo de generosidade que, aliás, há muito lhe conhecemos. Deixou-nos o seu contacto e os dias e horas em que, eventualmente poderá receber qualquer Sócio necessitado do seu autorizado parecer clínico. Louvamos-lhe a abnegação e dirigimos-lhe do fundo do coração um veemente Bem-Haja!

Os Sócios interessados devem telefonar para a Sede, tratando a Filantrópica de marcar a consulta.

Estamos também a trabalhar no sentido de organizar um apoio médico de outra natureza de que, na altura própria, todos serão avisados.

## NOSSOS CONVÍVIOS

No dia 12 de Abril p.p. realizou-se o almoço da Páscoa servido na Antiga Cooperativa Militar. Muito concorrido, proporcionou um bom convívio e foi enriquecido culturalmente por uma magnífica Conferência em que o nosso Colega António Ribeiro evocou "*Coimbra nos anos 80*". Temos a agradecer-lhe a disponibilidade com que aceitou a repetir o tema entre nós, a pedido de vários Sócios pesarosos de não o terem podido ir ouvir quando da primeira vez tratou



*O jovem Tribuno*



*Os Aniversariantes de Abril*

o tema em "Conversas Quinzenais". Daqui mais uma vez o agradecimento ao nosso esclarecido e fluente orador.

Durante este convívio sucedeu outro facto digno de relevo. O dedicado funcionário da nossa Secretaria, Alexandre ("*Anton*"), sempre pronto a atender quem dele se abeira, é também, além de poeta, um notável pintor. Por isso não admira que saiba interpretar os nossos sentimentos e passá-los à tela. Assim a sua delicadeza de alma levou-o a oferecer à Associação um quadro precioso representando Coimbra em tons azulados de cinza. Que cor tão bem escolhida!

Não cabe à Filantrópica passar além desta notícia. Isso será feito por quem de direito uma vez que, esta cerimónia se destinava à Festa de Aniversário da Associação e só por contratempos surgidos teve lugar aqui e por isso nos sentimos muito honrados.

Mais uma vez a Filantrópica agradece cordialmente ao Grupo "*Porta Férrea*" que sempre tem atendido, e hoje mais uma vez, e com extrema amabilidade, os nossos pedidos de colaboração.

Bem Hajam todos!

Saudações Académicas

Pela *Filantrópica*

*Maria Olga Reis*

## O COFRE DA FILANTRÓPICA

Neste momento é o seguinte o estado das nossas finanças:

Depósito à ordem.....	1.299,46€
Depósito a prazo.....	2.682,33€
Numerário.....	89,70€
Total.....	4.071,49€

Vai devagar, mas vai...

*Maria Olga Reis*

## IN MEMORIAM...

### Deixaram-nos...

... no primeiro Semestre de 2003:

- ✦ Dr. Manuel Antunes Branco, Sócio 416  
- em 2 de Janeiro;
- ✦ Dr. Alfredo João de Oliveira Leandro, Sócio 676  
- em Março;
- ✦ Dr.<sup>a</sup> Rosinda Maria Cabrita Guerreiro da Cruz Mota, Sócio 47 - 8 de Março;
- ✦ Homero José Pereira Tavares Pedro, Sócio 445  
- em 19 de Março e
- ✦ Eng. Fernando Duarte Tavares Pedro, Sócio 982  
- faleceu em 2001 mas só agora tivemos conhecimento.

*Que descansem em Paz.*

## NOTICIÁRIO

### I - JANTARES MENSAIS

As primeiras 6.<sup>as</sup> Feiras de cada mês lembram logo os "**Jantares da Valenciana**". Só em casos de inteira impossibilidade é que esta actividade não se realiza. Deste modo, têm decorrido no melhor ambiente de franca amizade coimbrã, de descontração, de alegria.

A comparência foi muito satisfatória, a sala de jantar sempre cheia e a alegria notória em todos os frequentadores dos jantares de 7 de Fevereiro e 9 de Maio.



*Aniversariantes de Janeiro e Fevereiro*



*Aniversariantes de Maio*



*O "Canto" da Valenciana de Junho*

## II - GINÁSTICA DE MANUTENÇÃO

A classe de ginástica continuou durante o "Ano Lectivo" a ter as suas aulas.

Todos presentes, sempre aptos a tratar da sua manutenção, as aulas decorreram com o maior esforço para que os "movimentos" fossem sempre feitos na "perfeição".

Quase estamos na presença duma "classe Maravilha"... da 3ª idade! E é um facto! Inverno ou Verão, não há faltas! Há a compreensão de que fazer exercício, sair de casa, vir até ao Salão da Sede e movimentar-se é fonte de saúde para a nossa idade!

A semente está lançada, e a "filosofia de grupo" há-de ser compreendida por muitos mais adeptos que engrossarão as nossas fileiras.

"*Mens sana in corpore sano*" é a sua divisa.

Inscribe-te para o próximo ano, verás que há-de gostar e tirar bom proveito de algum sacrifício que faças em sair de casa. É só boa vontade e vem!

*M. A.*

### "A NOSSA GINÁSTICA

A nossa Ginástica continua todas as segundas-feiras com a exemplar assiduidade das ginastas, para quem esta hora não se destina só a desferrujar um pouco a nossa jovem máquina, mas também serve para nos juntarmos num saudável convívio.

O casal de professores que nos acompanha e orienta nesta actividade (cada um sua semana) é imensamente simpático e competente, velando para que a ginástica que estamos a fazer seja um bem para a nossa saúde e que não resulte em prejuízo dela, doseando os exercícios em conformidade com as características da classe.

A Maria Antónia continua sempre atenta a tudo o que se refere às nossas aulas e é, normalmente, a mais pontual de todas.

Estamos quase no fim desta temporada, mas esperamos que na rentrée, ou seja, no próximo Outubro, depois da estafa das férias grandes, tanto as alunas como os professores estejam de volta com o mesmo entusiasmo para bem se cuidar do físico, nas aulas, e do espírito, nas conversinhas antes e depois delas.

*Hélia Moniz de Jesus"*



*As aulas de Ginástica*

## III - AD-HOC

Este grupinho de 14 pessoas tem continuado a reunir-se para ensaiar o seu "repertório".

Foi num ambiente de franca camaradagem e alegria que decorreram os seus ensaios, na Sede da Associação, uma vez por semana, durante o Ano Lectivo.

Actuou sempre que foi solicitado. Vai sendo apreciado e o seu esforço reconhecido com satisfação. Continuaremos todos a dar-lhe o apoio que merece e cada vez a desenvolver a sua técnica coral com mais segurança.

No próximo ano o grupo conta ter um desenvolvimento muito acentuado para poder ser útil a outras actividades que o solicitem.

Viva o AD-HOC!

*Maria Antónia*



*Encontro dos "Madrilenos" - Júri e laureados*

## IV - ENCONTRO DOS "MADRILENOS"

Ocorreu no dia 25 de Janeiro, na Sede, onde participantes do agradável fim-de-ano aprecia-ram o

vídeo que o Manuel Rodrigues Lopes compôs, as fotografias expostas por Maria São José Queiroga Chaves e Ivone Cruz, aplaudiram os premiados no concurso e saborearam um succulento repasto preparado com todo o "salero" que os espanhóis esqueceram...

## V - FESTA DO CARNAVAL

Na tradicional 6ª feira de Carnaval, dia 28 de Fevereiro, no Salão Atlântico do *Altis Park Hotel*, que proporcionou animação à larga, ao som do "Lorenzo's Combo" num convívio de Sócios, Familiares e alguns Amigos (no total de 104 pessoas), e o re(conforto) físico de recheado *buffet*, tudo até às 2h00 da madrugada, sem quebrar...

## VI - ENCONTRO DOS "PERUANOS/BOLIVIANOS"

Em 7 de Junho, na Sede, os 25 participantes nesta excepcional Viagem (mesmo os 6 Sócios da AAEC no Porto) acorreram a rememorar, com redobrado entusiasmo, os momentos de êxtase que viveram e que, foram unânimes, remeteram ao esquecimento as dificuldades de acesso e de altitudes que ultrapassaram, no geral com elevado espírito de fraternidade. O vídeo do Hugo Tabor da e as fotos do Hugo Tabor da, Chichorro Rodrigues e da D. Dina (*Eurorumo*) e prémio especial para o António Moniz (pelas aguarelas de sua autoria sobre o Perú), laureados no concurso, a par de um lanche a preceito, tornaram esta tarde memorável.



A alegria dos "vencedores"

## VII - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

"O Reitor em exercício Prof. Doutor Arsélio Pato de Carvalho convidou-nos a assistir à sessão de apresentação "*Guia do Potencial Científico e Tecnológico da Universidade de Coimbra e Relações com a Sociedade Civil e Empresarial*", realizada no dia 7 de Fevereiro na Sala do Senado.

"A **A.A.E.C. em Braga** fez-nos participar, através do nosso Luiz Goes, no Seminário "*Canto e Guitarra de Coimbra*", nos dias 5 e 6 de Abril, em colaboração com a Secção de Fado da A.A.C. e os Grupos de Fados "*Presença de Coimbra*" e "*Tertúlia do Fado de Coimbra*".

"A **Universidade do Minho** e a sua Associação dos Antigos Estudantes requereram a nossa presença na apresentação do nº 1 da "*Revista Antigos Estudantes da Universidade do Minho*" (Rae), ocorrida em 31 de Janeiro.

"A **Casa da Académica em Lisboa** convidou-nos e contou com a presença de associados nossos no seu VIII Jantar-Espectáculo "*Coimbra Encanta Lisboa*", no dia 17 de Junho, com homenagens a personalidades ligadas a Coimbra e aos seus valores académicos, entre os quais o nosso Durval Moreirinhas, a participação de vozes do fado de Coimbra e de Lisboa e Serenata pelo grupo "*Presença de Coimbra*".

"A **Casa dos Açores** deu um dos lugares de honra à Presidente da nossa Associação na "*Gala do seu 76º Aniversário*", no dia 28 de Março, com um programa que incluiu faustoso jantar, animado baile e a interpretação de dois Fados de Coimbra com temas do folclore açoriano por Arménio Marques dos Santos.

"A **Ordem dos Médicos** (Secção Regional Sul) convidou-nos para o Espectáculo Musical que culminou o *XI Congresso Nacional de Medicina*, realizado no CCB em 15 de Fevereiro, integrando o "Fado de Coimbra" com a participação do Jorge Tuna, do Camacho Vieira e do Fernando Rolim.

## SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE ...

No 1º semestre de 2003, foi enriquecida a Biblioteca e o Arquivo com as dádivas dos nossos Sócios: António Santos Silva, Armando Rocha, Abélia Mendes Marques, Carlos Carranca, Carlos Santarém Andrea, Francisco Chichorro (que além de livros, ofereceu faianças de Coimbra com motivos académicos), Fernando Rebelo, Francisco Raposo, Carlos Vasconcelos, João Quintela de Brito, João Ávila de Matos, José Veiga Simão, Eduíno de Jesus, Eduardo Aroso, Maria de Fátima Bento Soares, Mouro Ferreira (uma mesa de jogo), Isabel Vieira Alexandre, Norberto Ávila, Nuno Sequeira, Renato de Figueiredo, Roberto Valente, Rui Alarcão e Fernando Murta Rebelo que ofereceu a reprodução do quadro "La Samaritaine", do pintor checo Muche, cartaz que anunciava em 1897 a actriz Sarah Bernhardt no desempenho da peça "La Samaritaine" drama bíblico da autoria do dramaturgo Edmond Rostand, tema que, como sabemos, inspirou a Álvaro Cabral o Fado-Canção "Samaritana" que tanto se celebrizou em Coimbra.

**Bem-hajam todos!**

*Deixamos aqui o pedido de indicarem sempre a identidade de quem oferece, para nos evitar o lapso involuntário, de não os nomearmos no nosso agradecimento.*

Notificam-se também os lançamentos dos seguintes livros:

Em 24 de Janeiro - "**Memória**" de Armando Rocha, editado pela FADU;

Em 11 de Maio - "**Poesia Junta**" de Francisco de Vasconcelos, editado pela UNEARTE.

Refere-se ainda que a AAEC em Coimbra tem novos Corpos Sociais (8 de Maio):

### **Assembleia Geral**

Prof. Doutor Fernando Rebelo

Dr.<sup>a</sup> Elizete Carvalhas

Prof. Doutor Eng. Silva Afonso

Dr. Carlos Serra

### **Conselho Fiscal**

Dr. António Luzio Vaz

Dr. Tiago Mariz

Dr. João Cunha

Eng. Francisco Reis Macedo

Dr. Octávio Frias

### **Direcção**

Prof. Doutor Fernando Regateiro

Dr. Sansão Coelho

Dr. Ricardo Castanheira

Dr. Fernando Guerra

Dr. António Pinto Castanheira

Dr. Luís Alcoforado

Prof. Doutor Carvalho Prata

Dr.<sup>a</sup> Isabel Terra

Dr. Carlos Figueiredo

Dr. Miguel Grego

**1 - Ainda temos Sócios com Quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (as dos anos 1999, 2000, 2001 e 2002 perfazem 5000 Euros...) Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas! E as despesas de funcionamento da nossa Associação tendem a aumentar!**

## CAPA E BATINA

**DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO**

**EDIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA**

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 -1º - 1000-046 LISBOA

TELEF.: 21849 41 97 FAX: 21 849 42 08 E-MAIL: aaecl@oninet.pt

PERIODICIDADE: SEMESTRAL TIRAGEM: 1 000 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO